

# MINISTÉRIO DA LITURGIA



*Perspectiva Pastoral*

*Pe. Fernando Aguinaga Huici - Schp*



# SUMÁRIO

<b>1. O que é a liturgia .....</b>	<b>03</b>
<b>1.1. A Liturgia na Bíblia .....</b>	<b>03</b>
<b>1.2. A Liturgia nos documentos da Igreja .....</b>	<b>06</b>
<b>2. Compreender o mistério litúrgico .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1. A liturgia é celebração .....</b>	<b>07</b>
<b>2.2. A participação do povo na liturgia .....</b>	<b>09</b>
<b>2.3. Dimensões da ação litúrgica .....</b>	<b>11</b>
<b>2.4. Elementos importantes da celebração .....</b>	<b>16</b>
<b>3. Ministérios litúrgicos .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. A equipe de liturgia .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2. Equipe de celebração .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3. Preparar a celebração .....</b>	<b>24</b>
<b>4. O ano litúrgico .....</b>	<b>31</b>
<b>5. Os momentos da celebração da Eucaristia .....</b>	<b>35</b>
<b>5.1. Ritos iniciais .....</b>	<b>36</b>
<b>5.2. Liturgia da Palavra .....</b>	<b>37</b>
<b>5.3. Liturgia Eucarística .....</b>	<b>38</b>
<b>5.4. Ritos finais .....</b>	<b>42</b>
<b>6. O espaço litúrgico .....</b>	<b>43</b>
<b>7. O Tríduo Pascal .....</b>	<b>45</b>
<b>8. Vocabulário litúrgico .....</b>	<b>49</b>
<b>9. Conclusão .....</b>	<b>52</b>



# ORIENTAÇÕES SOBRE O MINISTÉRIO DA LITURGIA

## PERSPECTIVA PASTORAL

(Pe. Fernando Aguinaga, escolápio)

*“De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: ‘Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim.’ Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a Nova Aliança no eu sangue; todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha.’” (1 Coríntios 11, 23-26).*

**A Eucaristia é o grande presente do Esposo, que é Cristo,  
à sua Esposa, que é a Igreja.**

**OBSERVAÇÃO PRÉVIA.** O Missal Romano é, sem dúvida, um excelente manual de liturgia. Em todo caso, a partir de uma perspectiva pastoral, visando à participação mais intensa dos agentes de pastoral e do povo na liturgia, compreendendo, também, a formação litúrgica como um processo de caminhada na fé e de crescimento espiritual, valoriza-se mais a pedagogia da participação e do processo do que o rigor na realização dos ritos.

### 1. O QUE É A LITURGIA

Etimologicamente, significa ação em favor do povo. Do grego λειτουργία, (Leitourgia, “serviço público” ou “serviço do culto”). “A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força” (Sacrosanctum Concilium 10, Concílio Vaticano II).

#### 1.1. A LITURGIA NA BÍBLIA

O povo celebra a presença de Deus nos acontecimentos da história. Presença que traz vida, salvação, libertação. Para atualizar essa aliança de amor, oferecem-se sacrifícios como sinais de fidelidade. Uma nova colheita, o aumento do rebanho, o nascimento dos filhos, o casamento, as curas, as vitórias contra os inimigos, uma aliança ou tratado de paz

com povos vizinhos, a construção da casa, da cidade e outras situações que sinalizam uma vida melhor são motivos para agradecer a Deus, oferecer-lhe dízimos, ofertas e sacrifícios, louvar o seu nome e invocar a sua bênção. A liturgia no povo da Primeira Aliança (Antigo Testamento) acompanha a história, entendida como uma história da salvação, na qual o povo vai compreendendo, cada vez melhor, a presença de Deus e o seu plano em favor dos homens. A liturgia, também, acompanha esse processo de fé, situando-se a serviço do projeto divino. Daí que dois elementos tornam-se centrais na liturgia bíblica: a páscoa e a primazia da Palavra na espiritualidade israelita.

O acontecimento principal de todos é a PÁSCOA. No povo da primeira aliança, é a páscoa da libertação, quando o povo guiado por Moisés fugiu da escravidão do Egito para a liberdade, rumo à terra prometida. O povo compreendeu que Deus, pela primeira vez na história humana, atua na mesma em favor dos últimos “com mão forte e braço estendido”. Após essa saída (êxodo), Deus (YaHWeH) fez ALIANÇA com o seu povo por meio de Moisés: o Senhor se comprometia a proteger esse povo, que devia, por sua vez, respeitar a aliança, cumprindo a Lei divina (decálogo, os dez mandamentos). Essa festa da Páscoa tornou-se a principal para o povo de Israel. Ainda hoje, assim é! Trata-se do acontecimento primeiro da salvação para aquele povo. O culto de Israel se expressa no âmbito doméstico (orações de cada dia, especialmente no sábado e na vigília pascal; nesta, o pai de família eleva uma oração a Deus em ação de graças, renovando a aliança; confessa o pecado humano e confessa, com maior ênfase, a misericórdia divina, que por meio do cordeiro imolado, perdoa todos os pecados). O culto israelita se expressa, também, nas sinagogas, aos sábados, onde o centro da liturgia é a Palavra, as sagradas escrituras que são proclamadas e explicadas aos participantes, sempre orientadas a fortalecer o compromisso de cumprir a aliança com Deus. O culto também se exprimia no Templo de Jerusalém, realizado pelos sacerdotes, por meio das oferendas e sacrifícios que se elevam ao céu em favor do povo eleito. O sacrifício principal acontecia à tarde da grande festa da páscoa, quando o sumo sacerdote sacrificava o cordeiro e entrava no santo dos santos, somente nesse dia do ano, para aspergir esse local, considerado o mais sagrado, e o povo para o perdão de todos os pecados. Segundo o Evangelho de João, foi precisamente nesse dia e nessa hora

que Jesus morria na cruz, derramando seu sangue precioso para o perdão dos pecados da humanidade. É por isso que a Igreja invoca Jesus como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Esse culto oficiado pelos sacerdotes israelitas no templo de Jerusalém desapareceu com a destruição no ano 70. Continuou, entre os judeus, a sinagoga, como referência principal de culto comunitário.

Para o povo da nova aliança, a páscoa definitiva é a morte e a ressurreição de Jesus, fundamento da liturgia nova. A morte de Jesus na cruz, derramando seu sangue precioso pela salvação da humanidade, perdoa todos os pecados do mundo; sua ressurreição sinaliza uma vida nova para a humanidade. A nova aliança proclama um novo mandamento: o amor ao próximo, sem limites nem restrições. A Igreja de Jesus continua a liturgia que Ele ofereceu ao Pai para o perdão dos pecados e como alimento para a missão de Evangelizar. O próprio Cristo é a Palavra que ilumina a vida e o culto cristãos; Ele mesmo é o pão que alimenta a caminhada espiritual. Pelo batismo, o ser humano, inspirado pelo Espírito, aceita a salvação que o Pai nos oferece no Filho amado, Jesus Cristo. A Eucaristia é a participação na Ceia de Jesus, comungando a morte e a ressurreição de Cristo, para testemunhar perante a humanidade o amor de Deus. A Palavra de Deus tem, assim, a primazia da vida espiritual dos cristãos e situa-se no centro da liturgia cristã.

*“Tu és digno de receber o livro e abrir seus selos. Porque foste imolado e com teu sangue adquiriste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste para o nosso Deus um reino de sacerdotes. E eles reinarão sobre a terra. O louvor, a honra, a glória e o poder pertencem àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 5, 9-10.12).*

*“Durante a sua vida na terra, Cristo fez orações e súplicas a Deus, em alta voz e com lágrimas, ao Deus que o podia salvar da morte. E Deus o escutou, porque ele foi obediente. Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através de seus sofrimentos. E, depois de perfeito, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos aqueles que lhe obedecem.” (Hebreus 5, 7-9).*

## 1.2. A LITURGIA NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

- **Concílio Vaticano II – “Sacrosantum Concilium”** (Documento sobre Liturgia). Nº 6.

*“Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder do pecado e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica. Assim, pelo Batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com Ele mortos, com Ele sepultados, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, pelo qual chamamos Abba, Pai, e assim se tornam os verdadeiros procurados pelo Pai. Da mesma forma, toda vez que comem a ceia do Senhor, anunciam-Lhe a morte até que venha. Por este motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja apareceu ao mundo, os que receberam a palavra de Pedro foram batizados. E perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na comunhão da fração do pão e nas orações, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo. Nunca, depois disto, a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras, celebrando a Eucaristia, na qual se torna novamente presente a vitória e o triunfo de Sua morte e, ao mesmo tempo, dando graças a Deus pelo dom inefável em Jesus Cristo, para louvor de sua glória, pela força do Espírito Santo.”*

- **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.**

### **CNBB – Documento 71.**

*“26. A celebração litúrgica é o momento mais visível da comunidade eclesial, o momento em que ela se reúne, convocada pelo Espírito de Deus e pela Palavra, para louvar o Senhor, alimentar a fé e celebrar a vida. A liturgia é fonte e vértice da vida da Igreja. Isso é especialmente válido para a celebração eucarística. A eucaristia edifica a Igreja, e a Igreja faz a eucaristia.*



**27.** *Pela graça do batismo, os cristãos têm o direito e a obrigação de participar, de forma plena, consciente e ativa, das celebrações litúrgicas. Toda comunidade eclesial deve empenhar-se para que a liturgia seja celebrada no espírito e segundo as orientações da Igreja. Isso exige que, nas ações litúrgicas, não se esqueça a centralidade do mistério pascal e o caráter celebrativo da liturgia. Deve-se realizar uma sábia “mistagogia”, ou seja, uma introdução ao mistério celebrado, um itinerário de fé que conduza ao encontro com Deus e à plena vivência eclesial e, na sociedade, ao testemunho da justiça e da caridade.*

**28.** *Procure-se conscientizar – pela própria prática e atitudes corretas – a assembleia de que é ela que celebra, sob a presidência do ministro ordenado ou do ministro leigo. A liturgia é essencialmente comunitária. Ritos e símbolos litúrgicos devem ser, quanto possível, sóbrios e compreensíveis por si mesmos. Mas, a longa tradição bíblica e eclesial, em que se inserem as formas atuais da liturgia, exige uma formação dos fiéis, uma educação litúrgica, que não só os ajude a compreender a liturgia, mas a inseri-la no coração da própria vida cristã. Especial cuidado merece a formação das pessoas que exercem diversos ministérios (leitores, acólitos, equipes litúrgicas, animadores...), sem as quais não será possível uma celebração comunitária viva e ordenada.*

**32.** *A celebração dos Sacramentos favoreça a evangelização e a catequese do povo de Deus, superando o ritualismo e os hábitos apenas devocionais e jurídicos de sua recepção.*

**36.** *A comunidade eclesial deve sentir-se responsável pela evangelização de todos. Para isso, a participação nas celebrações litúrgicas e na vida sacramental é muito importante. Deve, também, acolher, com atenção e discernimento, a religiosidade popular. A veneração de Maria Santíssima, modelo dos discípulos e discípulas, e dos santos e santas, seguidores de Jesus, aproxima-nos também de Cristo e mantém aberta no coração das pessoas, especialmente das mais pobres, a procura do Deus verdadeiro, Deus-conosco.”*

#### **- Animação da vida litúrgica no Brasil – CNBB – Documento 43**

**“Desafios 28.** *Na situação atual da vida litúrgica, surgem alguns desafios mais urgentes:*

+ **Participação:** o Concílio preconiza a participação ativa, consciente e frutuosa. Como promovê-la sempre mais? Até que ponto os meios atuais, como folhetos, cantos, símbolos, concorrem ou impedem essa participação?

+ 29. **Criatividade e adaptação:** a participação reclama criatividade e adaptação. Como ampliar as oportunidades existentes na Liturgia?

+ 30. **Civilização urbano-industrial:** a maioria do nosso povo vive na cidade secularizada e massificada pelos Meios de Comunicação Social. Que símbolos, gestos e sinais serão realmente significativos dentro desse novo contexto?

+ 31. **A Palavra de Deus:** “A Palavra de Deus é sempre eficaz e transformadora” (cf. Is 55,10-11; Hb 4,12). O que falta para que as assembleias litúrgicas levem a maior compromisso de fé e melhor ligação entre fé, Palavra e vida?

+ 32. **O Ano Litúrgico:** como superar o paralelismo entre as celebrações do Ano Litúrgico e os dias, semanas e meses temáticos (Mês da Bíblia, Dia das Missões, Mês Vocacional)?

+ 33. **A Religiosidade Popular:** como redescobrir essa riqueza e integrá-la na Liturgia?

+ 34. **A Aculturação e Inculturação:** como concretamente levar adiante o processo de aculturação e de inculturação desejado pelo Concílio, para que se chegue a uma expressão litúrgica sempre mais de acordo com a índole do povo brasileiro constituído de tantas etnias?

+ 35. Todos esses desafios deixam claro quanto e como é necessário desencadear um **processo de formação litúrgica sistemática e permanente**. Formação que se baseia na compreensão teológica da Liturgia e faça superar tanto o néo-rubricismo quanto a improvisação arbitrária.”

## 2. COMPREENDER O MISTÉRIO LITÚRGICO

### 2.1. A LITURGIA É CELEBRAÇÃO

A comunidade cristã CELEBRA a liturgia. Celebrar é festejar, comemorar, encontrar-se, ressaltar o significado de um determinado acontecimento que atrai e une as pessoas. Para isso, precisa de tempo, criar

ambiente de celebração, escolher e preparar os gestos e símbolos adequados, as músicas e cantos apropriados que combinam com a Palavra. É preciso pensar na hora da preparação no envolvimento das pessoas, como impregnar o coração dos participantes dos sentimentos e atitudes que a Palavra inspira. Celebrar é curtir a festa com alegria, louvor e canto. A simplicidade e a concentração são chaves importantes, para evitar a dispersão e a superficialidade. Uma celebração autêntica gera amizade, solidariedade, comunhão fraterna e cumplicidade evangélica.

### **Situações que dificultam uma boa celebração:**

- Improvisação, falta de preparação (as coisas ficam dispersas).
- Querer explicar tudo, mania de passar “mensagens” e falar demais.
- Falta de bom senso e equilíbrio.
- Uso inadequado de microfone, dos livros e demais objetos sagrados.
- Querer “privatizar” a liturgia, sendo que ela é essencialmente comunitária. A liturgia não é para tal pessoa ou família, é comunitária que se dirige a Deus; não é homenagem dedicada a pessoas, mas oramos a Deus pelas pessoas.

## **2.2. A PARTICIPAÇÃO DO POVO NA LITURGIA**

O Concílio Vaticano II, em 1963 fala assim: “A liturgia é fonte e cume de todas as ações da Igreja” (Documento Sagrado Concílio, n.10). Sendo fonte, todas as atividades da Igreja nascem da Liturgia. Sendo cume, todas as atividades da Igreja terminam na Liturgia. A Igreja concedeu sempre um valor fundamental à liturgia na vida das comunidades. É necessário, portanto, que os fiéis tenham possibilidades reais de PARTICIPAR na celebração. Somente quando se participa se aprende e se vivencia em profundidade o mistério celebrado. Sem participação nem envolvimento, a pessoa fica por fora, não penetra no significado do mistério. O fiel batizado não pode ser considerado como alguém que assiste, com maior ou menor fervor, a um culto. Ele precisa ser participante ativo. Hoje a Igreja insiste muito na inculturação da evangelização, catequese e Liturgia. Inculturar significa colocar os valores cristãos dentro da nossa cultura e resgatar os valores da cultura em nossas atividades cristãs. Isso é importantíssimo para aproximar o culto do coração e da compreensão dos participantes.

Somos uma assembleia reunida pela fé em Jesus. Convocados pelo Pai, celebramos o mistério da nossa fé: sua ação salvadora realizada através de seu Filho Jesus. Somos pessoas que amadurecem na fé, também por meio da celebração, somos cristãos que se cultivam em formação permanente, que participam, que são ativos e comprometidos (cristão “relaxado” está apenas “de corpo presente”, só assistindo, terá dificuldade para integrar-se na celebração). A liturgia é “ação da comunidade”, da assembleia (não apenas de um grupo nem para uma intenção particular); todo batizado é sujeito ativo da celebração: escuta, canta, ora, louva, faz gestos, momentos de silêncio e respostas. O desafio é “agir”, através de símbolos, gestos, orações, cantos e expressão corporal. O símbolo não deveria ser explicado, refletido, comentado, pois fala por si mesmo. Se necessita ser explicado, faça-se brevemente, com simplicidade. As pessoas são convidadas a celebrar em comunhão fraterna. A celebração litúrgica é um momento especial para expressar a união com Cristo Jesus, único e verdadeiro sacerdote da Nova Aliança. Os fiéis participam “numa só voz, numa única oração, num só coração, numa só alma”; fazendo os mesmos gestos, unindo as vozes, cantando no mesmo ritmo, trocando abraços de paz, partilhando o pão. Conclusão: a assembleia, animada pelo Espírito Santo, é protagonista e sujeito da celebração, pois ela é a presença do Senhor Jesus que se oferece ao Pai pela salvação da humanidade.

Também na liturgia se desenvolvem diversos ministérios a serviço da comunidade. O Espírito Santo distribui seus dons para o bem de todos; a partir daí, nascem os diversos ministérios; expressam a presença de Jesus, que se fez servidor de todos; são “serviços”, expressam o amadurecimento na consciência de ser Igreja. Todos os ministérios que participam da liturgia têm como objetivo a participação ativa, consciente e frutuosa do povo, sem protagonismo de ninguém; cada um contribui com os dons que o Espírito lhe concedeu, com todo empenho, para o bem da comunidade. O Espírito de Jesus nos ajuda a descobrir nosso lugar na assembleia. Dessa forma, a ação litúrgica brota como uma rica expressão da comunidade, alimentada pela fé, sustentada e animada pela disponibilidade dos diferentes ministérios.

## 2.3. DIMENSÕES DA AÇÃO LITÚRGICA

### - Duas dimensões fundamentais

+ **Acolher o amor de Deus.** Deus convoca seus filhos e filhas por amor, para transmitir VIDA. Daí que a acolhida dos fiéis para a celebração seja tão importante. A equipe de acolhida litúrgica transmite a alegria do Pai pela presença dos participantes. Os ministros litúrgicos, quer dizer, todos aqueles que realizam um serviço na celebração, especialmente o presidente, comunicam o amor de Deus aos fiéis, por meio de palavras, gestos, cantos, pela atitude, símbolos e outros elementos. Principalmente, por meio das Liturgias da Palavra e Sacramental. Os mosteiros focalizavam sua missão neste objetivo: glorificar a Deus, louvar e agradecer ao Pai, em comunhão com o Filho Jesus Cristo e na inspiração do Espírito Santo. O louvor a Deus, o agradecimento e as orações de súplica fazem parte desse acolhimento do amor divino. Podemos enfatizar a ação humana, sinalizando que a **glorificação de Deus** seja a dimensão fundamental. Talvez seja mais conveniente e teológico situar o centro na liturgia na iniciativa de Deus, Ele tem a primeira Palavra, o chamado, o convite e é Ele quem quer nos agraciar. Santo Ireneu expressava muito bem esse mistério quando escrevia: “a glória de Deus é que o homem viva”. Na realidade, não é Deus quem precisa da glorificação dos homens, mas, somos nós que precisamos da vida divina. Quando glorificamos a Deus a vida divina inunda nosso ser.

+ **Suscitar e alimentar o amor ao próximo.** Acolhendo o amor de Deus somos habitados por Deus, Ele faz em nós a sua morada. Nessa comunhão profunda de vidas que se conectam e interagem entre si, por meio de uma comunicação amorosa, de um diálogo amigo e fecundo, o plano de Deus enraíza-se em nós, pois a Palavra é como chuva que cai, fecunda a terra e não volta ao céu sem produzir frutos (Isaias 55, 11). Quando recebemos o amor divino em nós, em espírito e verdade, esse dom vai tomando conta de nós e se projeta para o mundo em forma de amor fraterno, como testemunho e como ação compromissada em favor do próximo. Assim acontece, também, a **santificação da humanidade**. Santidade quer dizer que as pessoas e a sociedade se transformam na medida do projeto divino (Reino de Deus). Eis a verdadeira conversão.

- **Aspectos relevantes:** (Animação da vida litúrgica no Brasil – CNBB – Documento 43, números 64 a 75).

+ **Memorial.** Memória atualizada de uma pessoa ou fato significativo da história. A ação litúrgica é memorial: atualiza os fatos passados que, em Cristo e por Cristo, são sacramentos de salvação. Quer dizer, na liturgia Jesus está presente para realizar, de forma espiritual e na experiência da fé, a obra de salvação que realizava na sua presença histórica na terra. Ele quer fazer o que fazia naquele tempo, tal como o Evangelho transmite para nós. Além disso, tem a força de tornar presentes as realidades futuras, levando os que a celebram a se inserirem no projeto de Deus, rumo ao reino definitivo. Como torrente de graças transbordando na história, o memorial celebra também em Cristo, os acontecimentos da vida do Povo de Deus. A celebração litúrgica transcende as barreiras do espaço e do tempo, pois a liturgia é uma em todo tempo e lugar, envolvendo todos os homens e mulheres que já foram, que são e que virão numa rede articulada em Cristo; corações costurados pelo mesmo fio de amor do Espírito para antecipar o encontro de vida plena, felicidade perfeita e mergulhando no amor eterno do Pai em cada celebração que acontece a cada dia e em cada lugar.

+ **A glorificação da Trindade.** Porque a Trindade é fonte e fim da Liturgia, a ação de graças, o louvor, a adoração e a glorificação do Senhor são uma constante do culto cristão. Não nos esquecemos, porém, de que a glória de Deus nas alturas realiza a paz na terra para as pessoas que Ele ama. A transformação do homem e da mulher e do seu mundo é o meio seguro de glorificar a Deus que os quer à sua imagem e semelhança e participando do dom da vida com abundância (cf. Jo 10,10; Is 44,23). Deus quer interagir amorosamente com os seres humanos e é por isso que o louvor a Deus impele o homem ao compromisso de construir no mundo o Reino de Deus; por outra parte, a ação humana colaborando no plano de Deus conduz os corações ao louvor e glorificação da Trindade. Não pode se esquecer que, na Nova Aliança, a adoração acontece no interior da pessoa, nas atitudes de vida e no compromisso evangelizador na história. Os gestos externos são necessários, sem dúvida, como expressão da atitude na vida. A expressão principal de adoração cristã acontece na celebração da Eucaristia, pois toda ela é uma grande adoração a Deus

Pai. O Espírito nos congrega como irmãos e irmãs e nos situa em comunhão com Jesus, nosso irmão maior, quem, como homem, é o verdadeiro adorador. Limitar o ato de adorar a um momento, a uma fórmula ou a um gesto concreto, pode nos levar a um reducionismo espiritual que pode esconder a grandeza do mistério.

+ **Ação de graças.** Nesta perspectiva, torna-se mais compreensível o hino que há séculos ressoa nas igrejas: “Nós vos damos graças por vossa imensa glória”. A ação de graças é importante porque, além do mais, sublinha a gratuidade do dom de Deus que celebramos. Dar graças é necessidade do coração que se vê assim beneficiado. Insistir, nas celebrações, em considerar demasiadamente a presença do pecado deturpa a realidade e esvazia a Liturgia, que nos convoca a louvar, bendizer, dar graças e esperar contra toda esperança. Deus não precisa da nossa gratidão, mas ela é fundamental para o amadurecimento do coração humano. O fato de reconhecer que os outros nos fazem bem, nos ajudam, que nada seríamos se não fosse pela comunidade humana, nos enobrece e possibilita sermos humanos. O fato é que, sem a comunidade (família, sociedade e outras agrupações), o homem não se desenvolve como ser humano. A atitude de agradecer nos educa na escola da verdade e do reconhecimento do valor do outro. Agradecer a Deus nos eleva do nosso egoísmo para o mundo do amor. Dessa forma, podemos entender melhor as palavras de Jesus ao leproso que foi curado junto com outros nove que não voltaram para dar graças: “A tua fé te salvou” (Lucas 17,11ss). Aquele homem, por meio do agradecimento, abriu-se ao DOM maior do Senhor: a Salvação, a cura plena e radical de todo mal.

+ **Súplica e intercessão.** Toda oração litúrgica é feita na “unidade do Espírito Santo”. Precisamos dele para que nossa oração não seja um programa que impomos a Deus em nosso favor, mas reconhecimento do poder e bondade sem limites do Senhor que, fazendo vir a nós o seu Reino, nos livra de todo o mal. Pedimos por nós e pelo mundo. A súplica é sobretudo reconhecimento da grandeza de Deus, que nos socorre, e não apenas consciência de nossa incapacidade. Por isso, pedimos ao Espírito que nos ensine o que devemos pedir (cf. Rm 8,26). A maioria das orações litúrgicas dirige-se a Deus Pai. O Espírito Santo articula os fiéis em comunhão com Jesus, o Filho Amado, e nele, com ele e por ele somos

incorporados à sua eterna e perfeita oração ao Pai, pois Ele é o único e verdadeiro sacerdote. Os batizados participamos, de formas diversas, do supremo sacerdócio de Cristo, bem seja no sacerdócio comum dos fiéis ou por meio do sacerdócio ministerial.

+ **Pedido de perdão.** A nossa condição de humanidade pecadora põe em realce a misericórdia de Deus. Pedir perdão é oração humilde, sincera e alegre, no encontro com a Misericórdia infinita, que perdoa os muitos pecados a quem muito ama (cf. Lc 7,47). É Cristo vítima, que morre e ressuscita e é celebrado na Liturgia, quem dá sentido também aos nossos sofrimentos; transformados em atitudes de oração penitencial, completam em nós, seus membros, a sua Paixão dolorosa (cf. Cl 1,24). Na liturgia, nós confessamos os pecados à semelhança do pai de família israelita que, na noite pascal, antes do jantar do cordeiro imolado em favor do povo, renova a aliança de amor com Deus confessando duas realidades: que o ser humano é pecador, não cumpriu a aliança; porém, confessa a imensa misericórdia de Deus que é incondicional. A segunda confissão (a misericórdia divina) sobrepõe-se à primeira (o pecado do povo) e isso é fonte de imensa alegria para todos. Assim também, na oração eucarística, o próprio Jesus Cristo se oferece ao Pai como o Cordeiro imolado, sem pecado nem defeito, que perdoa os pecados do mundo. O Senhor, na pessoa do presidente da celebração, reconhece que o povo é pecador e pede ao Pai, invocando a sua eterna misericórdia, o perdão dos pecados. O perdão de Deus, porém, não se limita ao perdão dos pecados, pois Ele derrama a graça do Espírito nos seus filhos e filhas, para envolvê-los no seu amor. Essa graça significa amizade incondicional, fiel e plena.

+ **Compromisso.** Quando se tem consciência de que pecar é condição da humanidade toda, de que a unidade de todos os homens e mulheres é obra do Espírito Santo, e de que a glória de Deus é a realização de seu povo também na História, é fácil compreender que a Liturgia, além da conversão pessoal, comporta um compromisso social. O Reino de Deus que se realiza onde Deus reina por sua graça, também se explicita no pão de cada dia, na convivência fraternal e nos anseios de libertação de todo o mal. A Liturgia não nos convida apenas para ouvirmos falar do Reino, mas para nos impelir e animar a construí-lo. A Igreja é um dos maiores espaços de voluntariado. A celebração litúrgica impulsiona os participantes a se engajar positivamente na história humana para torná-la



mais humana, solidária, dialogante, cuidadosa, solidária com as pessoas em situações pessoais ou sociais de vulnerabilidade, nas grandes causas sociais da justiça, da paz e da ecologia e muitos outros. A experiência de acolher gratuitamente o dom de Deus desperta e motiva para se doar em favor do próximo. Essa experiência de voluntariado é única, enobrece as pessoas, as dignifica e desenvolve capacidades, valores, dons, talentos e carismas. Existe uma lógica muito natural entre participar da liturgia e se comprometer em causas humanitárias, dentro ou fora do próprio âmbito eclesial.

O compromisso de vida evangélico que se deriva da celebração litúrgica exprime fielmente o conceito de sacrifício ritual, presente em todas as religiões. Sacrifício quer dizer tornar sagrado um elemento: uma pessoa, um objeto, um espaço, um tempo ou uma relação. Nas formas primitivas de sacrifício, o ritual (conjunto de ritos, símbolos e fórmulas orais) é elemento principal e, até, essencial. Fazer tudo bem feito, sem erros e na forma que agrade à divindade. Nos profetas e em Jesus Cristo, prevalece a atitude do coração, pois é o que Deus pede e lhe agrada; quer dizer, o culto interior, adorar a Deus em espírito e verdade (João 4,23). O que torna a realidade sagrada é a atitude do homem que, inspirado pelo Espírito, faz a vontade do Pai, transformando a história em sintonia com o plano de Deus. O termo sacrifício (sacrificar) ficou ligado ao sofrimento e à morte, por causa do uso de animais que se ofereciam a Deus. Na lógica do Evangelho, sacrifício significa entrega por amor, compromisso com o plano divino (Reino de Deus), doando a vida livremente por amor para que o próximo tenha vida em abundância, a exemplo de Jesus que se “sacrificou” na cruz, por nós se entregou, para que n’Ele tenhamos vida plena. O sentido verdadeiro do culto cristão, em coerência com a vida e a páscoa de Jesus, é suscitar e alimentar o amor ao próximo; “disponham-se ao serviço uns dos outros por meio do amor” (Gálatas 5, 13). Assim, as liturgias da Palavra e da Eucaristia fomentam o amor ao próximo, o compromisso de colaborar na evangelização, de fazer acontecer o reinado de Deus no mundo. Quem ama se sacrifica pelas pessoas amadas, se doa e se entrega; desse jeito, o sacrifício, à luz do Evangelho, é fonte de vida. Paulo escreve aos coríntios “enquanto a morte age em nós a vida acontece em vocês” para exprimir a relação do apóstolo com a comunidade; eis o mistério pascal se realizando na vida da família e da comunidade:

quem ama se desgasta, se sacrifica para que as pessoas amadas tenham vida digna (2Coríntios 4,12).

+ **Escatologia.** Esse termo se refere às realidades que acreditamos que existem além do nosso tempo, na plenitude da história para a qual caminhamos juntos testemunhando o amor divino e anunciando o Evangelho da Vida. Entretanto, sabemos que a construção da sociedade justa e fraterna é esforço para implantar um sinal do Reino definitivo, no qual já se encontram os nossos santos. Se fazemos memória deles, anunciando suas alegrias, é porque toda a Liturgia é antegozo da realidade que aguardamos, vivendo a esperança: na dimensão escatológica de nossa Liturgia, celebramos, de fato, a ação salvadora e perene de Deus, que começa na criação, manifesta-se na História e se coroa na Pátria definitiva. O sentimento de que caminhamos rumo ao reino definitivo abre um horizonte maior em nossa consciência sobre a realidade, que nos ajuda a superar o materialismo que nos asfixia. O materialismo produz egoísmo, e a esperança de um mundo novo fortalece nosso compromisso para transformar, aqui e agora, nossa realidade ainda limitada e criar gestos e situações que anunciam a nova humanidade que já vem e que um dia será tudo em todos. “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Apocalipse de João 21,5).

## 2.4. ELEMENTOS IMPORTANTES DA CELEBRAÇÃO

- **As Pessoas:** O primeiro elemento litúrgico são as pessoas: convocadas por Deus, reunidas na fé e em nome de Jesus, pela ação do Espírito Santo. É importante valorizar as pessoas, o povo, a comunidade; destacar o serviço da acolhida, que deve atuar sempre com carinho e amizade. A assembleia é o sujeito que celebra; é protagonista; todos os ministérios se colocam a serviço de uma participação ativa e consciente da comunidade.

- **A Palavra:** A Palavra de Deus é luz que ilumina, alimento que fortalece a caminhada, Espírito que gera nova vida; é nela que as comunidades encontram ânimo e vigor nas suas lutas e compromissos. Ocupa um lugar privilegiado na celebração: é a Palavra do Pai revelada em Jesus e dirigida com carinho à comunidade para orientar a história; palavra viva e eficaz, que manifesta o amor do Pai; palavra que é sabedoria, revelação, amor, aliança. A Palavra é presença de Deus na assembleia: Deus nos comunica seu projeto de vida plena para todos, sua Boa-Nova; estabelece uma relação de comunhão entre Deus e a comunidade. A Palavra re-

quer ser “**proclamada**” (não lida); proclamação acompanhada de cantos e gestos, e também de tempos de silêncio, de escuta atenta. Precisa ser “**acolhida**” em clima festivo: daí a procissão, luzes, velas, palmas, beijo, expressão corporal e outras formas de expressão. O leitor é um **pregoeiro** que anuncia a Boa Nova aqui e agora; para cumprir bem sua função deve ser bem consciente do seu ministério. Isso exige: vocalização (pronunciar bem cada palavra), modulação da voz (as pessoas devem ouvir bem; saber dosar as emissões fortes e suaves de acordo com o sentido de cada frase), bom ritmo (fazendo pausas e momentos de silêncio), cabeça erguida, olhando para a assembleia, dialogando, interpelando. A equipe de liturgia deverá encontrar gestos e ritos que permitam valorizar e realçar a Bíblia (em procissão, com velas, coreografia), valorizar a Mesa da Palavra, treinar os leitores para proclamar bem e não apenas fazer uma leitura, cantar algum refrão ou aclamação, qualificar os meios de comunicação e o som. O objetivo: criar um clima afetivo de escuta e acolhida da Palavra.

Na liturgia da palavra, é Jesus quem está falando para nós por meio das leituras bíblicas e da homilia. **É fundamental que todos escutem com plena atenção e respeito.** Principalmente todos os que assumem algum ministério litúrgico. Não é momento de comentar nada, nem de preparar o que depois irá acontecer andando daqui para lá. Às vezes, alguém da liturgia ou catequista, na hora que está sendo lido um texto bíblico ou na homilia, chama pessoas que vão participar da procissão de ofertas, dando mau exemplo à assembleia e prejudicando a participação de quem é chamado e do povo todo.

- **A oração:** é uma dimensão forte da celebração, essencial. Deus se comunica através das leituras e o povo acolhe e responde através do canto e da oração. Orar significa dar espaço em nós à ação do Espírito, que nos ensina a falar com o Pai como Jesus fazia, com espírito filial e confiante. A oração é comunitária, não individual; oramos juntos, movidos pelo Espírito, que une nossa coração na mesma súplica, invocação, louvor.

*Grande desafio:* perpassar toda a celebração de um espírito orante, ou seja, criar um verdadeiro clima de oração; isso exige mudar a mentalidade de “explicar tudo” e passar para uma “prática mais orante e celebrativa”.

Ajuda a criar um *clima de oração*: bom gosto e harmonia na disposição de todos os elementos, acolhida afetiva e fraterna, boa escolha dos cantos, combinados com momentos de silêncio e contemplação, uso de símbolos, luzes, vestes e imagens.

- **A música e o canto:** O canto é uma das linguagens mais expressivas e comunicativas; expressa a alma de um povo; ajuda a fazer da celebração um momento vivo; celebração sem canto é desanimada e parece fria; a música e o canto despertam e dão vida. “A liturgia é cantada”, dizia o Concílio Vaticano II; a música é parte integrante (não tem “papel secundário de fundo sonoro”, de enfeite). Vantagens da música e do canto: têm mais força de expressão que a fala; exprimem os sentimentos e a alma do povo; fomentam a unidade; criam comunidade; ligam as pessoas entre si; tornam a celebração mais viva e solene; mais agradável e autêntica; a música e o canto despertam e dão vida; imprimem um toque festivo; são parte integrante da celebração; não há festa sem música; os cristãos sempre cantaram suas celebrações. O desafio é “**cantar de forma renovada**”, com gosto, fé entusiasmada, sem cair na rotina; sabendo que o “cântico novo” brota do Espírito para compreender melhor o Evangelho e assumi-lo com paixão no testemunho da vida. (contra a mania de certas novidades um pouco vazias).

- **Os símbolos:** Vivemos na *civilização da imagem, som e símbolos*; no entanto, abusamos dos comentários, confundindo liturgia com discursos e muita conversa. *A liturgia é feita de gestos, sinais, símbolos*; as pessoas celebram andando, ouvindo, cantando, sentindo a água, fazendo sinais, acendendo velas, elevando as mãos, aclamando a Bíblia, abraçando o irmão. Os símbolos falam por si mesmos, falam ao coração e aos sentidos da pessoa. O povo gosta de manifestar sua vida através deles. É por isso que nossa liturgia deve abrir espaço às expressões do nosso povo.

- **Os gestos:** A celebração envolve a vida interior e o corpo inteiro, atitudes e gestos; o corpo é expressão viva do íntimo da pessoa; *a pessoa celebra com tudo que ela é*; os gestos são fruto da própria cultura do povo, que tem sua maneira própria para se comunicar; o gesto é ação, movimento e expressão corporal; existe uma íntima relação entre sentimentos e os gestos que os manifestam. Nesse contexto, é bom compreender que cada participante precisa ser respeitado. Pode se convidar, suavemente, a

realizar tal ou qual gesto, em sintonia com o momento litúrgico, sem insistir demais em realizar tal ou qual gesto, pois cada pessoa tem um jeito próprio de se manifestar.

- **Os ritos:** são ações simbólicas, que têm a missão de levar-nos a uma melhor expressão de nossa fé e experiência de Deus. Os ritos expressam e renovam a aliança entre Deus e o seu povo. Toda celebração litúrgica tem um conjunto de ritos. O *desafio é realizar os ritos com espírito novo*, sem inventar modas que nada têm a ver com a criatividade (às vezes, são pura improvisação superficial). *A liturgia é uma obra de arte*; ser criativos na liturgia é trabalhar para a dignidade e a beleza de cada celebração, sabendo combinar a expressão externa e a vivência interior; é isso que dá autenticidade aos ritos. Os ritos exigem carinho, piedade, fé e espírito de oração; caso contrário, se tornam gestos meio vazios, repetidos sem muito sentido. *Uma boa celebração tem ritmo e harmonia*; fé, dignidade, equilíbrio; é como uma música, onde se unem harmoniosamente vários elementos; cada rito deve estar bem situado no contexto geral (fruto de uma boa preparação). Quando existe harmonia e bom ritmo na celebração, tudo vai fluindo suavemente; percebe-se um impulso dinâmico que comunica garra à celebração e envolve as pessoas; falta de harmonia seria, por exemplo: um longo comentário para uma leitura pequena (desproporção); uma demorada procissão de ofertas, maior que a oração eucarística; um ato penitencial que ocupa mais espaço que a leitura da Palavra. Os ritos exigem atenção por parte da equipe de liturgia. Deve diferenciar-se um rito significativo e outros que são de menor importância (sem inversão de valores); deve ser levada em conta a duração, o ritmo e os contrastes entre os diversos ritos. Precisa-se de sabedoria para trabalhar os contrastes com arte, sem cair na monotonia que gera desinteresse. Precisa modular o tempo com equilíbrio entre as partes para produzir uma “sinfonia equilibrada, bela”, uma celebração bem articulada; é questão de saber quando entrar com um comentário, quando introduzir um gesto, o tempo que se pode dar a um movimento; tudo isso é fruto de muita preparação; em resumo: ninguém pode fazer “o que bem entender”, agindo apenas pelo seu gosto pessoal; tudo tem que ser colocado dentro de uma dinâmica litúrgica e comunitária.

- **A dança:** Elemento religioso de grande valor; uma das formas mais antigas de oração, por causa do *valor do corpo e de sua expressividade*; a *dança é graça, arte, harmonia*; expressão da beleza de um coração tocado pelo Espírito; não é enfeite, mas expressão de autêntica oração diante do Senhor; toda forma de expressão corporal (dança, bater palmas, elevar as mãos) *deve estar bem integrada* na celebração, como expressão de oração, louvor, oferta, súplica, e não como espetáculo ou enfeite; uma dança fora de lugar acaba sendo enfeite, acréscimo que atrapalha a celebração.

- **Silêncio e contemplação:** Nesta sociedade barulhenta, o recolhimento e o silêncio são uma necessidade, para tomar distância da rotina e realidade agitada; uma boa celebração exige silêncio, ritmo e equilíbrio, que tornem possíveis a escuta da Palavra, a oração, o louvor. O silêncio não é vazio, ou simplesmente calar-se, ou ausência de palavras; *é um espaço de liberdade para a ação do Espírito*; o *silêncio interior* facilita “o encontro da fé”, com a comunidade e com Deus; o silêncio é presença, acolhida, assimilação, interiorização do mistério. Silêncio sem a intervenção de solos instrumentais.

- **O ambiente:** O espaço onde acontece a celebração tem que ser *funcional e simples*, para favorecer a participação e o exercício dos diferentes ministérios; *beleza e dignidade* de objetos; harmonia de enfeites e gestos; limpeza e ordem. O ambiente celebrativo sinaliza a presença de Deus e convida à oração; especial atenção para a *acústica e som* (boa comunicação da Palavra).

- **As posturas litúrgicas:** A posição do corpo é sinal de comunidade e unidade da assembleia e exprime os sentimentos e pensamentos dos participantes.

**De pé:** Posição de Cristo ressuscitado. Significa prontidão para caminhar em direção a Deus e aos irmãos. Para acolher e cumprimentar as pessoas. Para acolher a mensagem do Evangelho e a comunhão. Como os primeiros cristãos, a comunhão recebe-se na mão, como o pai da família israelita que agradecia a Deus pelo pão, o abençoava e distribuía aos seus filhos e filhas na mesa familiar. Também ficamos de pé para iniciar e finalizar a celebração, quando louvamos ao Senhor (glória e santo), na oração eucarística toda (não faz muito sentido se ajoelhar durante a oração eucarística).

- **Sentados.** Atitude de quem ensina e de quem acolhe o ensinamento (Marta escuta sentada aos pés de Jesus). Para ouvir as leituras (menos o evangelho) e a homilia. Atitude de quem medita e fala com Deus (depois da comunhão). Quando os ministros estão recolhendo as hóstias consagradas ao sacrário depois da comunhão, o povo continua sentado em oração, porque o Cristo eucarístico que comungamos está em nossos corações.

- **Ajoelhado.** Humildade, reconhecer os próprios erros. Ato de adoração. Pode ser no momento da consagração, embora seja mais apropriado fazer uma inclinação da cabeça. A genuflexão (dobrar o joelho) só se faz perante o Santíssimo Sacramento, não perante imagens, porque é sinal de adoração. Em nossa cultura é mais conveniente ainda inclinar a cabeça do que se ajoelhar. A verdadeira adoração acontece no coração da gente mais do que em gestos externos. Os verdadeiros adoradores adoram em espírito e verdade. Na liturgia eucarística, pode se ajoelhar só na hora da consagração, mas não é necessário. O resto da oração eucarística se faz de pé. *Também se comunga de pé e na mão.*

- **O silêncio:** Estamos desabitoados ao silêncio, porque vivemos na cultura do barulho e do bombardeio das mensagens e músicas a toda hora. Para orar bem (escutar e responder a Deus), precisamos nos educar no valor do silêncio tanto no nível pessoal como no comunitário. Antes das três orações comuns (coleta, ofertas e final), faz-se um momento de silêncio. É conveniente também depois de escutar a homilia para acolher a mensagem divina em nós. É muito importante depois da comunhão para agradecer e adorar a Jesus eucarístico que está em nós. Nesse momento, o silêncio deve ser silêncio, sem mensagens nem comentários. Uma música religiosa bem suave pode acompanhar, talvez, em algumas situações, esse silêncio. Trata-se de um elemento que precisamos resgatar entre todos. Também antes de começar a celebração, em vez de mensagens, é mais necessário um breve silêncio. Nesses momentos que antecedem a celebração, sobram: a afinação de instrumentos (deve ser feito com suficiente antecedência), o teste dos microfones, ministros da liturgia (presidente, leitores, animador e os outros ministros) conversando ou ultimando detalhes no presbitério, na vista de todo o povo. Se precisar conversar antes da celebração para combinar alguns detalhes sobre a liturgia, faça-se na sacristia ou em lugar à parte, sem tirar a atenção do

povo. Quando a celebração está acontecendo, não interromper a mesma para preparar outros momentos. Para isso, **quando necessário**, de forma bem discreta, pode-se consultar ou resolver algum detalhe necessário na hora do canto do glória ou da aclamação ao evangelho, pois o povo está cantando e interiorizando a mensagem de forma ativa; o momento mais apropriado, porém, é no ofertório, pois é como um tempo de descanso entre as duas grandes liturgias: da Palavra e Eucarística.

- **As procissões de entrada e de saída.** Podem participar dela todos os parte dos diversos ministros da celebração. O presidente entra por último. Cumprimentam o altar (pode ser com uma inclinação da cabeça). Se puder, os ministros que cumprem alguma função na celebração se colocam no presbitério. Mas, ninguém pode estar lá se não tiver algum serviço litúrgico a realizar. A procissão de saída tem a mesma ordem que a de entrada, o presidente sai por último. Vão todos para a sacristia, esperam o presidente chegar e cumprimentam o crucifixo ou alguma representação de Cristo. Não é elegante que os ministros ou membros da equipe de liturgia comecem a recolher as coisas antes de o presidente ter entrado na sacristia. É importante lembrar que os membros dessa procissão representam a Cristo sacerdote que intercede em favor do povo. Quando outros elementos ou imagens se inserem nessa procissão, simbolizando santos ou realidades sagradas, não devem ser mais valorizadas do que os ministros litúrgicos que representam a Jesus Cristo. Eles representam a essência da procissão.

### 3. MINISTÉRIOS LITÚRGICOS

#### 3.1. A EQUIPE DE LITURGIA

Essa equipe é o centro da animação litúrgica e formada por vários membros permanentes. A equipe litúrgica é o coração da pastoral litúrgica. A celebração não está pronta num livro ou folheto. A celebração é ACONTECIMENTO que precisa de preparação. Tem muitos detalhes que precisam de cuidado: Local, acomodação, ornamentação, vestuário, recepção dos convidados, discursos, música etc. Toda improvisação litúrgica é caracteristicamente atrapalhada e chata. A pastoral do laço: Infelizmente existe demais! Chega a hora da celebração e não tem nada preparado... Então alguém vai caçando pessoas para fazer uma leitura, uma oração, para cantar etc. E vai acontecer muita coisa errada. A eficiência



da Pastoral Litúrgica vai depender muito de um bom plano de ação, quer dizer de um planejamento bem elaborado. Esse plano é o programa que a equipe litúrgica vai seguir no decorrer do calendário litúrgico da Igreja. Esse plano está baseado no calendário litúrgico e sempre tem em vista o bem de toda a comunidade. É por isso fundamental que o plano seja participativo e aberto a todos.

Não basta boa vontade, mas precisa ser competente, amadurecer constantemente na fé, ter bom relacionamento com as pessoas, formação permanente, dispor dos instrumentos e meios necessários, conhecer a vida da comunidade; ter “tempo”. Reunião semanal para: organização, formação permanente e preparação das celebrações. Preparar com criatividade, com equilíbrio e bom gosto. Buscar a colaboração de outras pessoas, incentivar o uso de símbolos e gestos, treinar novos leitores, ver a maneira prática de animar a comunidade (atitudes, cantos, dança, procissões...). Distribuir bem as tarefas, convidando pessoas e grupos para as atividades, evitando ser sempre “os mesmos”. Escolher bons leitores, “pregoeiros da Palavra”. Preparar a oração comunitária adaptada à situação da comunidade. Pode adaptar fórmulas já prontas e acrescentar orações próprias, segundo a vida da comunidade; depois entrega a oração ao comentarista para ele completar, se for preciso.

### **3.2. EQUIPE DE CELEBRAÇÃO**

A equipe de celebração é formada pela equipe de liturgia e o grupo que vai preparar a celebração. Escolhe os “destaques de cada celebração” (sem cair na tentação de querer realçar tudo de uma vez). Um dia será a procissão de entrada ou a oração comunitária, ato penitencial, ação de graças e outros. Criatividade não é inventar moda, mas valorizar cada gesto, renovar coisas que se repetem com frequência, colocar graça e expressão de fé em cada movimento; muitos gestos já tradicionais podem ser renovados com pequenas variantes. Escala alguém para anotar as chamadas “intenções”, (para entregar ao comentarista dez minutos antes de iniciar, sem pressas de última hora). Integram na celebração os diversos acontecimentos: bodas de ouro, quinze anos etc.; convida os interessados para estarem presentes na preparação da celebração correspondente. Escolhe alguém para cuidar do equipamento de som (amplificador, microfones, discos...) e para colocar música no momento certo; corresponderá

à pessoa escolhida colocar em funcionamento o equipamento de som, bem controlado e testado, antes de chegar a comunidade, acolher o povo com fundo musical adequado. Junto com a pessoa que cuida da sacristia e dos que arrumam o altar, revisa sempre o estado de vestes, livros, objetos de culto, hóstias, pastas de cantos, aparelhos de som. Escolhe os cantos, com bom senso e critério litúrgico: consistentes, de qualidade musical, com conteúdos que expressem a união “fé e vida” e que permitam expressar os sentimentos pessoais. Tudo que vai ser feito na celebração deve passar previamente pela equipe de liturgia; não aceitar surpresas ou inventos de última hora; sendo a celebração tão importante na vida comunitária tudo deve ser apresentado e avaliado previamente.

### 3.3. PREPARAR A CELEBRAÇÃO (ANTES – DURANTE – DEPOIS)

- **Antes.** Precisa ter uma reunião anterior. É importante se situar dentro do tempo litúrgico (leituras bíblicas, ciclo litúrgico, solenidade, festa, memória) e na vida da comunidade (situações, alegrias, tristezas). É muito importante respeitar o ano litúrgico, no qual se insere a festa do padroeiro ou da padroeira. Não é conveniente incorporar outros elementos ou devoções, para não ofuscar a riqueza do ANO LITÚRGICO. Às vezes, tem comunidades que incorporam tantas novenas e devoções que, na prática, anulam o ano litúrgico. Essa necessidade de querer destacar devoções particulares esconde o desejo humano de sobrepôr o desejo humano à vontade divina, ou a necessidade, ainda imatura, de procurar efeitos especiais e fantasias para chamar a atenção do povo, esquecendo da simplicidade e do cultivo da fé no silêncio do coração orante. Fazer a ligação entre a fé e a vida. Na reunião, é bom proclamar as leituras bíblicas, orar, comentar juntos, buscar o que Deus quer nos dizer hoje, para a nossa realidade. Depois, vai se programando a celebração: a ambientação do local, a acolhida dos convidados, o comentarista, os leitores, a música e os cantos mais apropriados, os símbolos, algum destaque especial (coreografia, se houver, etc.). Essa preparação prévia é fundamental para interiorizar o espírito da celebração e poder transmitir no dia da celebração esse espírito ao povo de Deus.

+ **Festa solene:** *quando se celebra um dos grandes mistérios de Cristo. Quando uma festa de Maria é solenidade, o foco é o mistério de Jesus, o Filho de Deus. A festa solene tem prioridade na liturgia, também sobre o domingo.*

+ **Festa.** *Também se relaciona com a celebração do mistério da salvação em Cristo Jesus, até quando se trata de um santo ou de uma santa, pois eles são testemunhas da presença de Jesus na vida. Quando acontece em domingo (Dia do Senhor), respeita-se a liturgia dominical.*

+ **Memória.** *O foco é Jesus, centro e mediador da Salvação humana. Normalmente é opcional, depende de cada lugar e cultura, da devoção particular. O domingo é mais importante. Trata-se, normalmente, de uma leve lembrança para motivar os fiéis a seguirem Jesus com maior empenho. Não deve se exagerar nessa celebração.*

- **Durante.** *O presbitério não é lugar para comentar os detalhes da celebração, nem com o presidente da celebração nem com os outros ministros. O que tiver que combinar se fala na sacristia ou em outro lugar, discretamente. A equipe de celebração chega bem antes da hora e prepara o ambiente, som..., tudo! A motivação é importantíssima assim como a animação. Tem momentos solenes que não são apropriados para conversar sobre o que será feito depois. É no momento das orações, na Liturgia da Palavra toda, na Oração Eucarística. Se alguém tem que comunicar algum detalhe sobre a celebração com o presidente ou o comentarista, seja feito em outros momentos (procissão - de entrada, da Bíblia, das ofertas, da comunhão - hora da paz, quando se canta). Mas, de forma bem discreta e reservada, sem chamar a atenção. A equipe deve estar bem animada e alegre, por dentro de tudo, contagiando ao povo a alegria de se encontrar com seu Deus que o ama. As leituras são proclamadas, não só lidas; as orações e salmos são bem recitados; os símbolos e gestos bem apresentados para todo mundo compreender bem o seu significado. Devemos resgatar o valor do silêncio nos momentos oportunos. Não é silêncio vazio, mas de meditação-oração. Não é bom as pessoas da equipe da celebração andarem circulando pelo templo e, ainda pior, pelo presbitério, quando o povo já está chegando e se prepara para a celebração. O que precisa ser conversado antes da celebração seja feito com discrição. É importante que o povo que vai chegando e entrando no templo encontre uma boa acolhida fraterna e um ambiente propício ao recolhimento interior e à oração. É momento de silêncio e, se for necessário, para ensaiar algum canto ainda não muito bem conhecido por todos. Não é momento para ninguém andar pregando ou fazendo observações, a não ser alguma que seja realmente necessária e seja feita de forma breve. Quem vai realizar*

algum serviço litúrgico (ministério), participa da celebração toda. É bem mais importante a celebração do que o serviço que nela se executa. Um ministro litúrgico (todo aquele que realiza um serviço na celebração) é, primeiramente, participante na celebração. Deve, portanto, participar de todos os momentos com motivação, especialmente na Liturgia da Palavra e na Liturgia Eucarística. Quando um ministro litúrgico, depois de realizar sua função, sai fora para tomar água ou conversar com outros, está dando um mau exemplo para a assembleia. Todo aquele que realiza um serviço deve ser o primeiro a dar exemplo de participar motivado e com atitude orante ao longo de toda a celebração. Somente com crianças pode-se permitir exceção, por exemplo, quando vai fazer uma apresentação. Mesmo assim, na medida do possível, vai-se educando para uma participação integral e com maturidade. Não se pode incentivar ou consentir que um jovem ou adulto fique fora da celebração por um tempo (ainda menos na liturgia da palavra ou da eucaristia) para preparar alguma apresentação (coroação e outros); pois, com essas práticas estamos ensinando que um teatro, uma apresentação, um canto, uma coroação ou outras ações paralelas, são mais importantes que a liturgia mesma. A chave é esta: é mais importante participar do que realizar um serviço litúrgico; a essência da liturgia prevalece sobre uma atividade complementar que deve se situar a serviço do mistério litúrgico.

A equipe de liturgia e a equipe de celebração devem dar exemplo ao povo de como participar na celebração.

- **Depois.** Avaliar como foi para aprender sempre a melhorar. Ter a humildade de saber escutar a comunidade e reconhecer que ninguém é perfeito. Os critérios de avaliação correspondem-se aos grandes objetivos da celebração: ambiente orante, encontro alegre e profundo com Deus e com os irmãos, Liturgia da Palavra que realmente ilumina e esclarece nosso caminhar diário, Liturgia Eucarística que alimenta nossa vida de fé, saímos da celebração fortalecidos espiritualmente e aceitação do convite do Senhor para levar ao mundo o amor e a palavra de Jesus, na alegria de nos sentirmos amados pelo Pai. Os ritos, palavras, símbolos, arrumação, os cantos e outros elementos importantes situam-se nessa perspectiva.

*Observação: a equipe de celebração é a primeira em chegar e a última a sair da igreja.*

**Animador (comentarista):** Não deve agir sozinho, mas bem coordenado com toda a equipe. Deve estar discretamente presente na celebração, conduzindo-a com seriedade, animando a assembleia nas respostas e aclamações, convidando a orar, a fazer gestos. Tom de voz sereno, firme e alegre, contagiante e animador; dirigir-se à comunidade com alegria, de forma viva, direta (se possível, sem ler no papel, mesmo que leve as coisas por escrito para maior segurança). Intervenções breves, claras, diretas; a norma é a simplicidade (sem querer explicar tudo); menos palavras, mais “ação celebrativa”; mais do que “comentar”, tem que saber introduzir a comunidade na celebração; trabalho de “guia” mais do que bom palestrante. Usar a palavra “eucaristia” (ação de graças) em lugar de “missa”.

Não é litúrgico que tenha um ambão para o animador; na liturgia nós temos duas mesas: a eucarística (altar) e a mesa da Palavra (ambão). É importante que o animador adote a mesma postura do povo (de pé ou sentado) orientando com o exemplo para a postura mais apropriada em cada momento. Tem animador que gosta de “martirizar” o povo, lhe mandando colocar de joelhos ou de pé quando é momento de estar sentado. Precisa ter bom senso, compreensão e conhecer a postura apropriada para cada momento da celebração. Deve cuidar também de não falar no microfone ao mesmo tempo que o padre também está falando no microfone (uma oração, a profissão de fé etc.). Às vezes, o comentarista gosta de cantar no microfone, quando o ministério de canto está puxando o cântico, podendo atrapalhar mais do que ajudar. É importante respeitar os outros ministérios, sem querer abafá-los.

“Os avisos” devem ser combinados antes da celebração (não durante a mesma). Colocados após a ação de graças. Só avisos importantes e de interesse geral para a comunidade, de forma clara e com poucas palavras. Precisam estar bem redigidos para serem lidos com sobriedade, sem fazer comentários sobre os mesmos. Alguma vez, pode ser necessária alguma explicação sobre o aviso a ser dado. Prepara-se a explicação com alguém da equipe da liturgia da forma melhor possível: breve e bem definida. Se houver aniversariantes ou visitantes, não é elegante personalizar (chamar pelo nome), mesmo existindo muita confiança. Não se pode forçar a pessoa a sair na frente, porque não sabemos se está preparada para isso ou vai-lhe resultar violento. Pode se convidar em geral, sem citar nomes em particular. É claro que pode haver casos excepcionais.

- **Equipe de música e canto:** “A serviço da comunidade”, sem buscar destaque pessoal. Em sintonia com a equipe de liturgia; não é um grupo independente; anima a participação da comunidade através dos cantos escolhidos pela equipe de preparação (é conveniente que algum membro da equipe de música faça parte dela, ou se faça presente nos dias de preparação). Os corais ou grupos instrumentais não assumam destaque indevido; são “um” dos ministérios da celebração; (a comunidade não canta com o solista ou coral, são estes que cantam com a comunidade). O ministério de música anima o povo a cantar, o importante é que o povo cante. Por isso, não é conveniente que o tom seja muito alto, escondendo a voz do povo. Para afinar o violão ou testar o microfone, tem um horário apropriado que não pode ser jamais o minuto que antecede à celebração litúrgica.

Todos sabemos como é **importante para uma celebração contar com um bom ministério de música**. O povo gosta de cantar, é uma das formas principais da participação de toda a assembleia na celebração. O ministério de música faz parte da pastoral litúrgica e não pode ser deixado de lado; é importante que algum representante participe (na reunião da equipe de preparação. A chave para um bom serviço é a preparação e a organização). As músicas são escolhidas na reunião da equipe de celebração, na qual se faz presente o ministério de música. Todas as músicas devem ser litúrgicas tanto na música como na letra. Música litúrgica significa que ajuda o Povo de Deus a expressar a sua fé. As músicas estarão em sintonia com o conjunto da celebração (tempo litúrgico, leituras) e respeitando o momento próprio da celebração. O ministério de música ajuda o povo todo a cantar e expressar a sua fé.

O sistema de som. A liturgia é comunicação: ver, ouvir, falar, tocar, se expressar com o corpo, com a mente, com o silêncio, com a palavra, gestos etc. O sistema de som deve ter a qualidade técnica necessária de acordo com o tempo. Quem arruma o som, deixa bem preparado desde o início da celebração, visando sempre a possibilidade de algum leitor não estar muito acostumado ou ter a voz mais fraca. Não é conveniente que o encarregado do som esteja modificando os registros durante a celebração, exceto em caso de emergência, porque pode desorientar o padre, o comentarista ou a equipe de música. Ninguém deve mexer durante a celebração no sistema de som se não for o encarregado, a não ser em caso

de emergência. O sistema deve ser preparado com antecedência, não no minuto anterior à celebração.

**Equipe de Acolhida:** a própria equipe de celebração deverá providenciar sempre uma boa acolhida, que pode ser feita de várias formas:

1. Criando uma equipe de acolhida; pessoas especialmente dedicadas a esse ministério, que sejam o rosto acolhedor da comunidade para os que chegam, principalmente para os que vão pela primeira vez.
2. Convidando diversos grupos a cada semana, para que façam esse serviço de forma criativa.

***Acólitos, Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão e/ou da Palavra:***

**Antes da celebração:**

- Chegar com tempo suficiente para ajudar na preparação, junto com outros responsáveis, (evitando o “corre-corre” de última hora).
- Preparar, numa mesa pequena ao lado do altar (credência), o cálice, as galhetas com o vinho, a patena com a hóstia grande, âmbulas com hóstias pequenas (apenas as necessárias para a comunhão). É mais apropriado colocar a hóstia grande junto com as menores, sinalizando a unidade que brota do mesmo pão que é Cristo Jesus.
- Colocar em lugar apropriado as pastas de cantos; preparar o altar com simplicidade e bom gosto, apenas com os objetos necessários (cruz, livro do altar, castiçais, flores). O LIVRO da celebração é a Bíblia (normalmente o lecionário, que é a Bíblia Litúrgica). O livro do altar ou missal é um livro auxiliar para o presidente, que não deve chamar a atenção, pois o foco do altar é o pão e o vinho que, na oração eucarística, se tornam o Corpo e Sangue do Senhor Jesus.
- Preparar o lugar apropriado para a “sede do sacerdote” e as cadeiras para eles mesmos, e para animador e leitores, se for necessário.

**Durante a celebração:**

- Apresentar-se vestidos com dignidade (mesmo que de forma simples).
- Acompanhar o sacerdote na procissão de entrada; no altar, ficar ao seu lado, acompanhando a sequência da celebração como todos.
- Quando for combinado pela equipe de preparação, acompanhar o sacerdote durante a leitura do Evangelho com as velas acesas (forma

visível de valorizar o momento da proclamação da Palavra).

- Se não houver procissão de ofertas: preparam o altar; estendem os corporais; colocam o cálice, a patena com hóstia grande, e as âmbulas com as pequenas. Colocam um pouco de vinho no cálice e “um pingo de água”.

- Se houver procissão de ofertas: recebem diante do altar pão, vinho, flores, diversos símbolos... e os colocam no lugar apropriado; (depois preparam o altar para a celebração, como no caso anterior).

- Ficar ao lado do sacerdote, até a hora da comunhão;

- Colaborar na distribuição da comunhão com calma, profundo respeito e cuidado. O sacerdote (é o ministro ordinário da comunhão) distribui a comunhão no centro e os ministros extraordinários nas laterais ou no fundo. Quando o povo comunga sob as duas espécies do pão e do vinho, precisa se preparar bem antes e combinar previamente. Não pode obrigar a quem vai comungar a tomar também do vinho consagrado, porque pode estar impedido por prescrição médica; respeitar a liberdade de quem comunga. No final, os ministros ajudam o sacerdote a consumir o vinho consagrado, quando a quantidade é maior.

- Atenção a “pequenos casos”: crianças muito pequenas, alguém querendo levar a hóstia para casa...; resolver cada caso com serenidade e educação.

- Após a comunhão, recolher as hóstias e depositar a âmbula no sacrário, sem chamar a atenção.

- Depois, levar o cálice e objetos da celebração para a mesa pequena. Pode limpar (purificar) a patena e o cálice na credência. É melhor limpar depois de concluída a celebração (na sacristia).

- Colocar o livro no centro do altar e ficar junto ao sacerdote até o final.

- Acompanhar o presidente da celebração saindo diante dele até entrar na sacristia.

### **Depois da celebração:**

- Limpar bem o cálice e as âmbulas. O cálice se limpa colocando água nele, bebendo a água e purificando com o sanguinho. O ideal é realizar a purificação na sacristia, de forma mais discreta, para não chamar a atenção do povo, pois nesse momento, o povo precisa estar



em atitude de recolhimento pessoal e interior, em oração. Nesse caso, recolhe-se tudo com discrição para a credência e, depois da celebração, realiza-se a purificação.

- As âmbulas para distribuir a comunhão só se utilizarão com essa finalidade. Assim também o cálice ou cálices (quando o povo comunga sob as duas espécies do pão e do vinho) só se usarão com essa finalidade.

- Recolher os objetos do culto, deixar tudo limpo e ordenado; zelando sempre pela boa conservação de tudo quanto se refere ao culto.

- A higiene é a norma maior da liturgia, junto com o bom gosto e a dignidade dos objetos sagrados, tratados com muito cuidado e respeito; com naturalidade e sem medo, pois o ser humano vale mais do que esses objetos sagrados que estão a serviço da nossa vida espiritual.

### **Equipe de arrumação:**

- Responsável pela limpeza e conservação de vestes e objetos...;

- Também pelos enfeites e boa distribuição dos elementos da celebração; dispondo tudo de forma simples, digna e elegante (e econômica também).

- Faz parte da equipe litúrgica e trabalha de acordo com ela.

## **4. O ANO LITÚRGICO**

O Ano Litúrgico expressa as relações amorosas entre Cristo e a Igreja, o Esposo e a Esposa. É como uma dança que tem seus ritmos, movimentos e cores. A Igreja faz questão de celebrar, ao longo do ano, a ação libertadora do seu divino Esposo.

Cada semana, no Domingo, comemora a ressurreição do Senhor. Cada ano, na solenidade máxima da Páscoa, comemora a sagrada Paixão e Ressurreição do Senhor. Ao longo do ano a liturgia revela o Mistério de Cristo desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a festa de Cristo Senhor do universo e da história (a espera feliz da sua vinda gloriosa). Assim celebramos os mistérios da Redenção.

Cada ciclo e tempo litúrgico exprimem um aspecto desse mistério maravilhoso da salvação que acontece em nós pela ação de Jesus Cristo. A páscoa destaca que a vida nova de Jesus ressuscitado já está presente em nós, embora de forma limitada, até que um dia será plenitude. O

Natal nos lembra da presença de Deus encarnado nas realidades simples de cada dia, especialmente em cada ser humano; a primeira vinda do Messias ilumina nossa preparação para a segunda e definitiva vinda, que consiste em acolher e amar as pessoas, pois encontramos a Deus oculto em cada ser humano. O tempo comum expressa o compromisso de continuar a missão de Jesus na luz e força do Espírito Santo, enquanto esperamos a realização plena da promessa do Senhor. Jesus ressuscitado é a luz que ilumina o ano litúrgico todo; até a própria Sexta-feira da paixão está impregnada pela luz da páscoa; é por isso que proclamamos a vitória da cruz como o trunfo do amor que supera o ódio e o egoísmo.

### CICLO DE NATAL

**Advento:** Tempo de preparação para a Festa do Natal. Cor roxa, que significa conversão e penitência. A liturgia do advento recolhe as legítimas aspirações da humanidade e de cada povo de justiça e de paz, que só acontecerão quando acolhermos de coração Jesus e a sua mensagem. Pois Ele é Deus conosco. No advento também lembramos as duas vindas do Filho de Deus: a primeira é a encarnação e a segunda será no final dos tempos. A igreja evangeliza entre as duas vindas e a liturgia celebra a presença espiritual de Jesus que já está conosco a partir da primeira vinda e invoca a sua vinda definitiva na saudade da sua ausência física. Quatro semanas antes da Festa de Natal (25 de dezembro).

*A festa solene da Imaculada Conceição se sobrepõe ao advento. Lembremos que as festas de Maria são, propriamente, festas de Cristo, pois a liturgia toda celebra a páscoa de Jesus, cuja luz se reflete nos santos e santas, principalmente, na vida de Maria.*

No advento, não se recita o glória, mas sim, o aleluia prévio à proclamação ao Evangelho.

**Tempo de Natal:** Celebramos que Deus se faz nosso irmão, faz parte da nossa família humana para sempre. Deus é nosso e nós lhe pertencemos, somos o seu povo. Sua presença se revela nas pessoas humildes e nos pobres e quando somos solidários com os sofredores nos encontramos mais facilmente com Deus. Cor branca de festa, porque Deus já está conosco, trazendo-nos alegria e paz. Natal, Epifania, Batismo do Senhor.

## CICLO DE PÁSCOA

**Quaresma:** Tempo de preparação para a Páscoa. Cor roxa, convidando para a penitência e conversão. Preparamo-nos para renovar as promessas do batismo, fazendo revisão de vida para mudar, com a graça de Deus, naquilo que for preciso para sermos cristãos mais autênticos. A Campanha da Fraternidade nos lembra do pecado social que impede a vida digna de tantos irmãos, ferida pela nossa falta de consciência e de responsabilidade. Quarenta dias, desde a Quarta de Cinzas até Domingo de Ramos. Não se canta o hino do glória nem o aleluia que antecede à proclamação ao Evangelho, substituído por uma mensagem própria.

**Tempo de Páscoa:** O coração do ano litúrgico. Celebramos a ressurreição de Jesus. Cor branca de festa maior. Já estamos participando nesta terra da vitória de Cristo, embora ainda não de forma plena. O Tríduo Pascal (Quinta Feira Santa, Ceia do Senhor; Sexta Feira Santa, Paixão e Morte do Senhor; Domingo de Páscoa, Vigília Pascal). Marca o momento máximo da liturgia cristã. A OITAVA DE PÁSCOA (desde o primeiro até o segundo Domingo de páscoa) é como um grande Domingo de páscoa que se celebra como festa solene (canta-se ou recita-se o glória todos esses dias). Cada Domingo do tempo de páscoa, a liturgia da palavra nos ensina a procurar a Jesus ressuscitado nas diversas situações da vida em que Ele se manifesta de forma especial: em cada batizado, na comunidade reunida em seu nome, na celebração eucarística, na pastoral junto aos sofredores, no compromisso missionário etc. As festas solenes do Senhor são como a páscoa e se usa a cor branca. Todo o ano litúrgico está iluminado pela luz pascal. A Sexta-feira Santa tem celebração da palavra, não é eucaristia, embora tenha comunhão; trata-se da principal celebração penitencial do ano. O sábado da semana santa é liturgicamente “morto”, respeitando o “repouso” do Senhor no túmulo. A vigília pascal é celebração de domingo de páscoa, embora acontece no sábado à noite, pois, a exemplo do povo israelita, o dia festivo inicia-se, liturgicamente na véspera, ao por do sol.

**Ascensão:** 40 dias depois do Domingo de Páscoa. Sinaliza o final do período das aparições do Senhor aos discípulos e celebramos que Jesus Cristo está com o Pai na sua plena glória. Esperamos também um dia estar com Ele na plenitude da vida. Cor branca. Faz parte do tempo pascal.

**Pentecostes:** 10 dias depois da Ascensão. Junto à Páscoa e ao Natal é uma das festas solenes principais da Igreja. Celebramos a passagem (páscoa) do divino Espírito Santo, o verdadeiro protagonista da vida eclesial. Cor vermelha, simbolizando o amor de Deus que age em nós pela atuação do Espírito Santo. Lembramos e celebramos a unidade dos cristãos na diversidade dos carismas. Faz parte do tempo pascal e o encerra.

## **CICLO DO TEMPO COMUM.**

**Tempo Comum:** Toda celebração está iluminada pela luz da páscoa da ressurreição do Senhor. Ele está no meio de nós! Nesta terra, porém, somos peregrinos rumo à pátria definitiva que esperamos alcançar guiados por Jesus que caminha conosco e fortalecidos pela presença do Espírito Santo que inspira em nós o seguimento de Jesus Cristo. Cor verde, de esperança, porque ainda não estamos vivendo a plenitude da Vida que Deus Pai nos concede de graça por meio do seu Filho. Simboliza também essa saudade dos cristãos por ver Jesus plenamente. Queremos ver Jesus! É o grito da Igreja (a esposa) que se une ao Espírito para clamar: *Vem, Senhor Jesus! (maranata).*

**Festas do Senhor no Tempo Comum:** Apresentação, Anunciação, Trindade, Corpo e Sangue de Cristo, Sagrado Coração, Transfiguração, Cristo Rei do Universo. Cor branca.

**Jesus Cristo Rei do universo:** Sabemos que Ele é o princípio e fim de todas as coisas, que tudo foi feito por Ele e para Ele e que um dia Ele virá de novo com poder e glória. Ele intercede junto do Pai em nosso favor constantemente e, um dia, reunirá tudo e todos no seu reino que entregará nas mãos do Pai. Nós já celebramos desde já esse momento e louvamos ao Pai por seu imenso amor, porque nos convida a participar da sua vida plena por meio de Jesus.

**Santoral:** As festas de Maria, apóstolos e evangelistas, mártires (testemunhas) e dos outros santos e santas, em datas fixas: é o mistério de Cristo transparecendo em suas vidas. Cor branca ou vermelha no caso dos mártires.

## 5. OS MOMENTOS DA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

- A) RITOS INICIAIS
- B) LITURGIA DA PALAVRA**
- C) LITURGIA EUCARÍSTICA**
- D) RITO DE ENCERRAMENTO

Na Igreja Primitiva, configurada como comunhão de pequenas comunidades cristãs, a celebração da eucaristia era o momento principal de encontro para atualizar a páscoa do Senhor. Existia a consciência de que se tratava de participar na mesma Ceia que Jesus celebrou com seus discípulos antes da sua morte. Constava, como hoje, de dois grandes momentos: a escuta da Palavra do Senhor e a participação no Pão por Ele abençoado, que se parte e reparte fraternalmente. Hoje podemos ler testemunhos belíssimos dos primeiros séculos do cristianismo que chegaram até nós. Chamam a atenção o fervor intenso, a fidelidade e o valor imenso que a eucaristia representava para aqueles irmãos e irmãs. O amor a Jesus Cristo, à Igreja, ao Evangelho e aos pobres impregna esses relatos. Destaca a paixão e a mística que a eucaristia suscita e alimenta no coração dos fiéis. Apresenta-se, em seguida, um dos testemunhos mais eloquentes daquela época; a carta de Justino ao imperador romano Antonino Pio explica como acontecia a eucaristia entre os cristãos.

*São Justino, mártir, ano 155. Carta ao Imperador pagão Antonino Pio.*

*“No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Porque este pão e este vinho foram, segundo antiga tradição, eucaristizados, chamamos este alimento de eucaristia, e a ninguém é permitido participar na eucaristia senão àquele que, admitindo como verdadeiros os nossos ensinamentos e tendo sido purificado pelo batismo para a remissão dos pecados e para o novo nascimento, levar uma vida como Cristo ensinou.*

*Leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir, pomo-nos todos de pé e elevamos nossas preces por nós mesmos e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas*

*ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna.*

*Quando as orações terminaram, saudamo-nos uns aos outros com um ósculo. Em, seguida, leva-se àquele que preside aos irmãos pão e um cálice de água e de vinho misturados. Ele os toma e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo e rende graças longamente pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons. Terminadas as orações e as ações de graças, todo o povo presente prorrompe numa aclamação dizendo: Amém. Depois de o presidente ter feito a ação de graças e o povo ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os que estão presentes pão, vinho e água eucaristizados e levam também aos ausentes.*

*Os que possuem bens em abundância e o desejam, dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe é entregue àquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e os imigrantes; numa palavra, ele socorre todos os necessitados.”*

## **5.1. Ritos iniciais**

- *Canto de abertura – Procissão de entrada (de pé).*
- *Sinal da Cruz, Saudação e acolhida (de pé).*
- *Ato penitencial (de pé).*
- *Hino “Glória a Deus” (nos dias indicados). (de pé).*
- *Oração do dia (Oração Coleta). AMÉM. (de pé).*

O objetivo dos ritos iniciais consiste em preparar o coração dos fiéis para celebrar essa festa, a Páscoa do Senhor, com consciência e amor; despertar a consciência dos participantes de que formam parte do Povo de Deus reunido para agradecer. Deus Pai nos convida a celebrar a festa do Filho para nos transmitir a vida plena. Os ritos iniciais têm por finalidade fazer com que os fiéis reunidos constituam uma comunidade celebrante, se disponham a ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia. O animador (comentarista) situa a celebração no tempo litúrgico ou na festa que se celebra. O comentário deve ser breve e a finalidade é, precisamente, preparar a assembleia para celebrar o encontro com o Senhor, gerando um ambiente orante, acolhedor, fraterno e impregnado de alegria.

A procissão de entrada, formada pelos ministros litúrgicos que atualizam a presença de Jesus, representa a chegada dele à assembleia reunida para celebrar a ação de graças a Deus. A saudação inicial do presidente é a acolhida que Deus dedica ao seu povo reunido. O ato penitencial prepara os corações para acolher a Palavra e o Pão Eucarístico. O canto do glória, antiquíssimo e belo hino de louvor aquece os corações para participar da festa. Nos tempos de advento e da quaresma, exceto em dia de festa solene, não se canta nem se recita o glória. A oração coleta recolhe as intenções dos fiéis em oração comunitária, articulada com o conjunto da Igreja.

## **5.2. Liturgia da Palavra**

Trata-se de um diálogo amoroso entre Deus e o povo; uma oração que parte da Palavra e transforma nossa mente (visão e pensamento renovados) e o nosso coração (atitudes evangélicas); a mesma Palavra que nos converte (mente e coração renovados) projeta-se pelos lábios (oração e anúncio evangelizador) e pelas mãos (obras de misericórdia, de amor ao próximo). “A minha Palavra não volta sem produzir frutos”, diz o Senhor (Cfr. Isaías 55).

As leituras podem ser introduzidas por breves palavras com o objetivo de captar a atenção dos fiéis. Jamais deve se substituir uma leitura da Escritura por outra leitura. Para valorizar a Palavra, pode-se fazer a procissão com o Lecionário (que é Bíblia Litúrgica) ou o Evangeliário. Trata-se do LIVRO da celebração que merece todo destaque (o missal é um elemento auxiliar que deve aparecer o mínimo possível). As leituras sejam feitas, sempre que possível, do Lecionário. Não precisa falar “primeira leitura”; também não se citam capítulos nem versículos referentes ao texto.

- Primeira Leitura. Combinando com o texto do Evangelho. Na maioria das vezes é escolhida da Primeira Aliança (Antigo Testamento).

- Salmo de resposta. Resposta da assembleia á palavra divina. Oramos a partir da própria escritura sagrada, pois não sabemos ainda como pedir e o Espírito vem em nosso auxílio. De preferência cantado.

- Segunda Leitura. Seguindo a sequência litúrgica e os tempos litúrgicos. Prevalecem as cartas de Paulo.

- Canto do Aleluia. Resposta do povo e preparação para escutar o Evangelho, texto que é destacado no conjunto da proclamação da Escritura, por meio de posturas (de pé), aclamação e outros sinais. O canto do Aleluia significa a alegria de receber Jesus no meio da assembleia. Canta-se em todo o ano litúrgico, exceto na quaresma, que é substituído por um canto que evoca a vitória de Cristo na cruz.

- Proclamação do Evangelho. Momento mais sublime da Liturgia da Palavra. A invocação: “O Senhor esteja convosco” lembra aos participantes que o próprio Jesus está presente no meio de nós por meio da Palavra.

- Homilia. Faz parte importante do momento da Palavra, pois o presidente assume a imensa responsabilidade de aproximar o Jesus Palavra do coração do povo, para que os fiéis possam experimentar, no âmbito da fé, a ação de Cristo anunciada pelo texto. O silêncio orante para acolher o mistério proclamado no Evangelho é importante para interiorizar a presença divina nos fiéis.

- Profissão de fé. Somente nos domingos. A Palavra suscita e alimenta a fé em comunhão eclesial.

- A oração dos fiéis. A Palavra se torna oração de súplica. A assembleia pede a Deus luz e forças para que o Evangelho seja vida hoje para todos.

### 5.3. Liturgia Eucarística

Na Liturgia Eucarística, a Igreja faz o mesmo que Cristo fez na Última Ceia. Celebramos o memorial do Senhor, quer dizer, a lembrança atualizada.

ÚLTIMA CEIA	LITURGIA EUCARÍSTICA
Ele tomou o pão... e o cálice	Preparação das oferendas
Deus graças	Oração eucarística
Partiu o pão	Fração do pão
E deu	Comunhão

Trata-se do segundo grande momento da celebração, intimamente ligado ao da Palavra. Assim como esta, a liturgia eucarística apresenta, também, um esquema dialogal: os homens oferecem a vida a Deus, simbolizada, entre outros dons, principalmente pelo pão e pelo vinho. Deus recebe com amor essa oferta e a abençoa; entrega-nos a mesma transfor-



mada na presença real de Jesus presente no pão e no vinho consagrados, o Dom de entre os dons. A assembleia acolhe e comunga esse dom do Pai e responde assumindo a doação da própria vida em amor ao próximo, pois essa é a oferta (sacrifício) que agrada ao Senhor.

**- Ofertório.** Trata-se de um momento de descanso entre as duas grandes liturgias. O povo fica assentado. Segundo antiquíssima tradição as pessoas levam ofertas ao altar, em sinal de gratidão pelos dons recebidos, frutos da graça divina e do trabalho humano. Nesse momento, é importante que cada participante ofereça a própria vida (da família, do trabalho, do compromisso evangelizador) e a coloque nas mãos de Deus. Os símbolos principais dessa oferta da vida são o pão e o vinho, que o presidente apresenta a Deus no altar; nesse momento, outras ofertas (dinheiro da coleta e outros símbolos) ficam no segundo plano, não precisam aparecer, pois o pão e o vinho simbolizam a vida toda que se oferece a Deus. O altar é preparado e esses dois elementos precisam destacar no altar, sem interferência de outros elementos.

**- A Oração Eucarística - “ELE DEU GRAÇAS”**

A oração eucarística é o centro e cume de toda a celebração.

Procurar, por isso, a maior comunicação e participação da assembleia através das aclamações.

Diálogo inicial	“O Senhor esteja conosco”...
Prefácio e Santo	Agradece e louvar
Epiclese	Invocação do Espírito Santo sobre as oferendas
Narrativa da Instituição	As palavras da consagração
Memorial (anamnese) e oblação	Recordar os mistérios do Senhor e oferecer Cristo presente na hóstia consagrada ao Pai
Eclipse de comunhão	Invocação do Espírito Santo que nos une com Cristo ao Pai e aos irmãos
Intercessões	Pelo Papa, Bispos, Igreja, falecidos e pela humanidade
Doxologia final	“Por Cristo, com Cristo em Cristo”...
AMÉM!	O povo aceita com fé o amor o ministério de intercessão que Jesus realiza em nosso favor

A oração eucarística é a principal oração da celebração. Inspirada na oração que o pai israelita elevava a Deus em nome da família, na noite pascal, antes de comungar o cordeiro imolado, por meio do qual o Senhor perdoa os pecados, para agradecer a fidelidade divina na sua misericórdia. O homem confessa o pecado do povo, mas, com maior ênfase, confessa, ainda, a misericórdia divina. É nessa oração, que os cristãos enxertaram a própria oração por causa da páscoa de Jesus. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Oração que contém, logicamente, uma dimensão de perdão, maior ainda que aquela da páscoa judaica.

Eis o grande louvor a Deus. A Igreja une-se à oração sacerdotal de Jesus, sumo e eterno sacerdote que entrega a própria vida ao Pai para a salvação da humanidade. Começa essa oração com a invocação: “O senhor esteja convosco”, lembrando que o Senhor dirige essa grande oração na pessoa do presidente. O Espírito Santo anima os corações do presidente e dos participantes, fazendo acontecer entre todos a comunhão com Jesus que ora ao Pai.

+ O prefácio é uma oração que antecede ao canto do santo. Acompanha, muitas vezes, o tempo litúrgico e faz a ligação com a mensagem proclamada. Expressa a ação de graças, o louvor a Deus por toda a obra da salvação. Termina com a aclamação do Santo.

+ O Santo é o cântico principal da celebração. Bem animado e vibrante, expressa a alegria e o entusiasmo dos fiéis pela ação divina na história humana. Eis o momento que expressa maravilhosamente a comunhão existente entre as diversas comunidades cristãs, dispersas pelo mundo inteiro, a comunhão entre a Igreja triunfante e a peregrina nesta terra. Sempre que possível, seja cantado.

+ Primeira invocação (epiclese) ao Espírito sobre as oferendas. É Ele, o Paráclito, quem transforma o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Jesus.

+ Palavras da instituição da Eucaristia (consagração). O presidente proclama as palavras de Jesus, obedecendo ao pedido d’Ele: “Fazei isto em memória de mim”. É o próprio Cristo presente na pessoa do presidente que atualiza a sua páscoa em nosso favor.

+ Memória. O presidente proclama a memória da Ceia de Jesus, na qual Ele quis fazer presente o mistério da sua morte e ressurreição em favor da humanidade. Cada eucaristia é a mesma e única Ceia de Jesus que a Igreja vai ecoando ao longo de tempo e de espaço.

- + Oferta. Eis a verdadeira oferta, quando o presidente oferece ao Pai o Pão e o Vinho consagrados, Corpo e Sangue de Jesus.
- + Segunda invocação (epiclese) ao Espírito Santo, sobre o pão e o vinho consagrados para que, a partir do Corpo e Sangue de Cristo, o Espírito faça de nós um só Corpo e um só Espírito, unidos a Jesus, a serviço da humanidade, especialmente dos que sofrem, por meio do amor fraterno.
- + Intercessões: pela Igreja (Papa, Bispo, outros ministros), pelo povo reunido, pela humanidade, pelos falecidos.
- + A grande invocação final: por Cristo, com Cristo e em Cristo...
- + Amém! Os primeiros cristãos cantavam e exultavam nesse amém que fecha a Oração Eucarística.
- Comunhão. Ritos que preparam a comunhão.
- + Pai Nosso. A oração da comunidade que Jesus nos ensinou. O Pai Nosso estimula o sentimento de fraterna solidariedade cristã. Por serem palavras do Senhor não deve ser substituído por outras palavras ou cantos.
- + Oração de comunhão com os cristãos de outras igrejas.
- + Oração de comunhão com os irmãos e irmãs presentes, dirigida a Jesus. A maioria das orações é dirigida ao Pai por meio do presidente que representa a Jesus. Essa oração se dirige ao próprio Cristo, daí que o povo poderia participar explicitamente nela.
- + O Cordeiro de Deus. Cantado ou recitado, enquanto o presidente e os ministros preparam as âmbulas para distribuir ao povo. É conveniente usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloque tanto o pão para o sacerdote como para os ministros e fiéis, como sinal de unidade; o ideal seria que se utilizasse um único pão que se parte e se reparte. Em todo caso, o espírito de praticidade precisa prevalecer.
- + Apresentação do Pão e do Vinho consagrados ao povo, para que seja consciente de que comunga o próprio Cristo Jesus.
- + Distribuição da comunhão. O povo fica assentado. Comunga-se, de preferência, em pé e na mão, a exemplo dos primeiros cristãos, como sinal de fé adulta e compromissada. Volta-se e acompanha-se, assentado, o canto de comunhão até que todos comungam.

*Detalhe: quando o presidente ou algum dos ministros leigos procura as hóstias sagradas para a comunhão, faz-se com discrição, pois não se trata de uma procissão do Santíssimo. Igualmente na volta, quando se recolhe no sacrário. Lembre-se de que Jesus sacramentado está dentro de cada fiel comungante, que se torna um verdadeiro sacrário vivo e vivente de Deus.*

Esse momento depois da comunhão é de recolhimento e oração pessoal, principalmente, de ação de graças. Esse silêncio orante após a comunhão é importante, para interiorizar e degustar o mistério que se celebra.

+ A oração após a comunhão, precedida do silêncio orante, sinaliza o destino dos cristãos para o qual a eucaristia nos prepara, alimenta e acompanha.

#### **5.4. Ritos finais**

Preparam os participantes para o compromisso evangelizador na vida. Comungamos a Cristo na comunidade cristã, na Palavra e no Pão e Vinho Consagrados. Somos convocados, agora, a testemunhar o Evangelho e levar o amor de Jesus ao mundo. Quando, pela terceira vez, o presidente faz a invocação: “O Senhor esteja convosco” e a assembleia responde: “Ele está no meio de nós”, lembra-se que Cristo está presente na vida de cada participante, para realizar por meio dele o que fez na sua vida pública. O cristão comunga Jesus na Palavra e no Pão. Cristo habita nele, como diz Paulo “não sou eu que vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20). Os ritos finais sinalizam esse envio do cristão ao mundo. Precisa ser um momento breve, o mais rápido possível.

- Se existem avisos, devem ser nessa linha do envio para a missão.

- Valoriza-se a dimensão humana da vida (aniversário, visitante e outras situações). De forma breve, simples e sem desviar a atenção da celebração eucarística.

- A Bênção do presidente finaliza a celebração.

- A procissão de saída é na ordem que aconteceu a de entrada.

Terminada a Oração depois da Comunhão, podem ser feitas, se necessário, breves comunicações ao povo. Este é também o momento para breves homenagens que as comunidades gostam de prestar em dias especiais antes de se dispersarem.

#### **BÊNÇÃO FINAL.**

Haja no final da eucaristia, na medida do possível, uma verdadeira despedida humana e fraterna.

## 6. O ESPAÇO LITÚRGICO

*“Não é preciso entulhar o espaço da celebração com coisas para torná-lo mais bonito, agradável aos olhos e ao espírito. Pelo contrário, a beleza reside muito mais na simplicidade. É bom evitar toalhinhas e cartazes pendurados nos móveis. Não são necessárias muitas flores e folhagens, que até tiram a atenção da celebração e escondem as peças”. (“O espaço da celebração”, Regina Céli de Alburquerque).*

Arrumar o espaço litúrgico de forma que seja um símbolo do sonho que Deus traz para a humanidade por meio do reinado do seu Filho Jesus Cristo, é um desafio que precisa de muitos cuidados. A simplicidade é o caminho mais curto e fácil para atingir o belo e o sublime. A casa da Igreja deve ser a expressão da verdade que ela anuncia: o Evangelho. Sem falsidades nem imitações. Os materiais devem ser naturais e verdadeiros: nada de plásticos, fórmica ou imitações de madeira ou pedra. O espaço da Igreja é um símbolo de Deus que habita entre os homens, é anúncio da Jerusalém celeste. Por isso o espaço deve expressar na sua forma, nas suas cores, luzes e sombras, nas texturas, nos materiais, na localização das peças, essa função simbólica e mística. A beleza e a unidade do lugar devem alimentar a piedade dos fiéis e manifestar a santidade dos mistérios celebrados. O espaço e a beleza educam e são pedagógicos, ajudam a formar o caráter do cristão.

**A mesa da Eucaristia ou altar.** É a peça central e mais importante. Mesa do sacrifício e do banquete pascal. Deve ser única, pois é sinal de Cristo. Deve ocupar um lugar para o qual a atenção de todos os fiéis naturalmente se dirige. Deve dar a sensação de estar no meio do povo, como uma verdadeira mesa de refeição, à qual todos têm acesso. A toalha deve cair só nas laterais para não esconder a beleza da peça. Nunca se deve usar toalha de plástico. Não se deve encher o altar de coisas. Até os objetos e elementos da Santa Ceia se colocam na credência (mesinha auxiliar). As ofertas se colocam ao pé do altar ou numa credência. Também devem se evitar colocar cadeiras na frente do altar. O material deve ser natural e nobre: pedra, madeira ou metal.

**A mesa da Palavra ou ambão.** Deve manifestar na sua forma e localização a dignidade e a importância da Palavra de Deus e favorecer o seu anúncio. Deve ser o lugar para onde a atenção dos fiéis se volta

espontaneamente durante a liturgia da Palavra. Deve estar bem visível para toda a assembleia. Da mesa da Palavra são proclamadas as leituras, o salmo responsorial e o louvor pascal. Nela podem ser feitas a homilia e a oração universal. Para os comentários, cantos e avisos é melhor não usar mesa, ou no máximo, um estante móvel simples, que não seja igual ao ambão nem tire a atenção dele.

**Cadeira da presidência e dos ministros.** Se a comunidade é o corpo de Cristo, a presidência representa o Cristo enquanto cabeça de sua Igreja. A cadeira da presidência deve exprimir a função daquele que preside a assembleia e dirige a oração representando o Senhor. Depois da mesa eucarística e da mesa da Palavra, a cadeira da presidência é a peça mais importante da igreja. Além dela, outras cadeiras ou bancos devem ser previstos para os ministros e para a presidência colegiada. Essas outras cadeiras precisam ser algo diferentes da presidência (encosto mais baixo e simples ou não terem encosto). É conveniente que as três peças: altar, ambão e cadeira da presidência formem um conjunto harmonioso e sejam feitos do mesmo material.

A **cruz** é um forte símbolo cristão e está tradicionalmente presente no presbitério. Não é necessário ter uma enorme cruz com o Cristo sofrido, pendurada na parede central. Mais litúrgica e pastoral é uma cruz processional. Na procissão de entrada, é carregada por um ministro e colocada junto ao altar. A cruz está no caminho e no horizonte dos cristãos. O Cristo na cruz pode ser representado morto ou ressuscitado. Pode até não trazer a imagem do Cristo. A cruz pode estar em frente do altar, num degrau mais baixo ou na lateral. Essa mesma cruz pode ser usada nas procissões e na via-sacra.

**Credência ou mesa auxiliar.** Mesinha onde se colocam os objetos necessários para a celebração. Com ela, evita-se sobrecarregar o altar como também ir à sacristia a todo momento buscar o que falta. É necessário uma credência perto da mesa da eucaristia, não encostada nela, mas num lugar discreto. Na entrada da igreja, é preciso uma credência para as ofertas que entrarão em procissão e outra para as folhas de cantos. Na celebração do batismo é usada uma dessas mesinhas para os santos óleos.

**Apoio para imagens.** Para a imagem de Maria ou do padroeiro, precisa-se de um apoio que pode ficar na entrada da igreja, nos corredores

res laterais ou no próprio presbitério. Não deve ocupar a parede central, pois o centro é sempre o Cristo.

**Tabernáculo ou sacrário.** É o lugar onde são guardadas as reservas eucarísticas. O ideal é que seja colocado fora do espaço da celebração, numa capela própria para a oração individual. Se for colocado no presbitério, nunca deve estar sobre uma mesa, muito menos sobre a mesa eucarística. Deve estar preso na parede do fundo do presbitério ou deslocado mais lateralmente, embutido, fixado na parede ou sobre uma coluna de apoio. A chave deve estar na lateral. A lamparina serve para indicar que há reserva eucarística no tabernáculo. Deve ficar na mesma altura dele ou mais alto.

**Pia batismal.** O batismo é a porta de entrada para se fazer parte da assembleia dos cristãos. Por isso, nas igrejas antigas, a pia batismal era colocada logo na entrada. Nas igrejas novas, privilegia-se o batismo comunitário e a participação da assembleia em toda a celebração. A pia batismal ou é colocada num espaço próprio, independente da nave da igreja, ou é colocada junto ao presbitério, mas sem se confundir com ele. De preferência deve ser fixa, com água corrente e abundante, que permita o batismo de imersão. Mas também pode ser móvel, com beleza e dignidade.

**Castiçal para o círio pascal.** O círio é usado no tempo pascal e a cada vez que o batismo é celebrado, como lembrança do Senhor Ressuscitado. Pode-se usar também o círio no Natal e em outras celebrações especiais. O material do castiçal é o mesmo da cruz processional e da mesma cor.

## 7. O TRÍDUO PASCAL

*“Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. E disse: ‘Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer.’”*  
(Lucas 22, 14-15).

### ***Significado do Tríduo Pascal.***

O espírito do Tríduo Pascal tem sua origem nas linhas mestras da liturgia primitiva. A primeira linha fundamental é a ligação entre a lembrança da Paixão e a da Ressurreição. A morte de Cristo já é sua entrada numa vida nova: a vida do Ressuscitado permanece a vida em

que ele entrou superando a morte. Esta unidade dos dois elementos, morte e ressurreição, indica ao cristão que não pode haver para ele uma vida de união com Cristo, sem morrer primeiramente a tudo o que constitui o velho mundo. A segunda linha essencial da liturgia pascal se percebe através do exuberante simbolismo das celebrações litúrgicas características do Tríduo Sacro. A morte e a vida do Senhor se realizam novamente no mistério litúrgico e na nossa participação nesse mistério. Participar, nesse mistério, significa morrer ao pecado e renascer a uma vida nova orientada pelo evangelho. Uma terceira linha provém das próprias origens da festa pascal. A Páscoa era a festa nacional do povo eleito, lembrança da sua libertação e sua constituição. Páscoa permanece a festa do povo cristão; festa da sua constituição como povo santo, povo de sacerdotes e reis.

O Tríduo Pascal começa na tarde da Quinta-feira Santa com a missa na Ceia do Senhor e termina na tarde do domingo de Páscoa com as vésperas solenes. A Sexta-feira Santa, em que se celebra a morte do Senhor, e o Sábado Santo, em que se recorda o repouso de Cristo no sepulcro, são dias “alitúrgicos”. O Domingo de Páscoa tem início com a solene Vigília que se desenrola durante a noite; constitui o cume do Tríduo Pascal e celebra festivamente, no mistério, a gloriosa Ressurreição do Senhor. No Tríduo Pascal, não são permitidas outras celebrações. Com o Domingo de Páscoa, tem início o Tempo Pascal. O Tríduo Pascal se trata como de uma grande celebração em três momentos: Na Quinta-feira Santa, celebra-se a Última Ceia do Senhor, na Sexta-feira Santa, a Paixão e Morte de Cristo e, no Sábado pela noite, que já é Domingo na liturgia, a Vigília Pascal. A Vigília representa o momento culminante da liturgia cristã. Cada momento precisa ser preparado com muito cuidado, porque está carregado de significados próprios importantes.

### ***Orientações para preparar as celebrações***

É importante que a equipe de liturgia convoque um grupo grande da comunidade, formado por pessoas de todos os grupos e pastorais da comunidade para preparar bem o Tríduo Pascal. Precisa ser com bastante tempo e com grande motivação. É bom lembrar a comunidade, ao longo da quaresma, do valor que tem a celebração do Tríduo para a vida da fé: trata-se de uma grande celebração, a principal do ano litúrgico e que é muito importante celebrar na própria comunidade onde cada fiel participa.



## **Quinta-feira Santa. Última Ceia do Senhor**

Cor branca. Canta-se o glória. Destaques: Lava-pés, Mandamento do amor fraterno, Instituição da Eucaristia e Instituição do Sacramento da Ordem.

Pode-se mudar o altar para o centro físico do templo, preparar o altar na hora das ofertas, distribuir a comunhão sob as duas espécies do pão e do vinho. Tudo isso, se for possível. Não tem final... a celebração continua na Sexta-feira Santa. Depois da procissão do Santíssimo, as pessoas ficam em adoração ou vão saindo em silêncio carregado de respeito.

## **Sexta-feira Santa. Paixão e Morte do Senhor que nos salva.**

Propriamente não tem celebração eucarística, mas tem comunhão. Começa em silêncio e oração. Cor vermelha. O altar está nu. Quatro partes: Liturgia da Palavra, com a narração da paixão e morte do Senhor. O texto é do Evangelho de João. No Domingo de Ramos, o texto da Paixão se corresponde com o ciclo litúrgico: A, Mateus; B, Marcos; C, Lucas. Na Sexta-feira da Paixão, a leitura do Evangelho é sempre de João. É conveniente fazer uma leitura partilhada entre vários leitores. O presidente faz sempre a parte correspondente a Jesus. Adoração de Cristo crucificado: entrada solene da cruz com a imagem de Jesus. Se possível, só uma cruz, dependendo do número de fiéis. Oração universal: o presidente ora por todas as intenções que são universais, pois Cristo morreu por toda a humanidade. Rito da comunhão: se prepara o altar e se traz a comunhão para ser distribuída. No final, depois da última oração, se sai em silêncio em respeito aos sofrimentos que Jesus passou para nos salvar.

Sábado Santo. Não tem nenhuma celebração litúrgica. Lembramos a Jesus morto que foi colocado no sepulcro.

## **Domingo da Páscoa. Ressurreição do Senhor Jesus Cristo.**

*Tem duas celebrações:* na Vigília do Sábado e no dia próprio de Domingo.

Vigília Pascal. Cor branca. Trata-se da celebração mais solene do ano litúrgico.

### *Momentos da celebração:*

*Liturgia da Luz.* Inicia-se fora do templo (este fica vazio e na escuridão). Fora se acende a fogueira. Acende-se e abençoa o Círio da Páscoa. Acendem-se as velas dos fiéis. Procissão até o templo. Pregão Pascal. Acendem-se as luzes do templo, apagam-se as velas.

*Liturgia da Palavra.* Vários textos representativos da história da salvação: leitura, salmo e oração. Não podem faltar: Criação do mundo, Êxodo, Profetas e, logicamente, os textos do Novo Testamento. Entre as leituras do Antigo e as do Novo Testamento, canta-se o Hino do Glória com toda solenidade. O texto do Evangelho corresponde-se com o ciclo do ano litúrgico.

*Liturgia Batismal.* Acendem-se de novo as velas. Bênção da água. Renovação das promessas do Batismo. Aspersão da água.

### *Liturgia Eucarística.*

No dia próprio do Domingo de Páscoa. Cor branca. Glória. À noite, a leitura do Evangelho costuma ser o texto dos discípulos de Emaús.

A preparação do Tríduo Pascal necessita de cuidados especiais. São muitas leituras e símbolos, precisa cuidar de muitos detalhes. Deve-se motivar com muito cuidado e espiritualidade. A equipe de liturgia deve convocar um verdadeiro mutirão litúrgico para tudo acontecer com a importância que merece.

## 8. VOCABULÁRIO LITÚRGICO

Altar	Mesa destinada à celebração eucarística, a principal.
Alva (túnica)	Túnica longa, de cor branca, usada pelo ministro ordenado.
Ambão	Mesa da Palavra, estate onde se proclama a palavra de Deus.
Âmbula (cibório, píxide)	Vasilha para conter as hóstias.
Aspersório	Instrumento com que se joga água benta sobre o povo ou objetos.
Caldeirinha	Vasilha onde se coloca água benta para a aspersão.
Cálice	Recipiente aonde se consagra o vinho durante a missa.
Candelabro	Catiçal grande com ramificações em cada qual se coloca uma vela.
Castiçal	Utensílio que serve de suporte para uma vela
Casula	Veste espécie de manto que o padre coloca para a missa por cima da túnica ou alva. Da cor do tempo litúrgico.
Cíngulo	Cordão com o qual se prende a alva.
Círio Pascal	Vela grande que se acende nas celebrações do tempo pascal.
Corporal	Tecido em forma quadrangular sobre o qual se colocam o cálice com o vinho e a patena com a hóstia.
Credência	Mesinha auxiliar onde se coloca os objetos que serão usados.
Custódia	Parte do ostensório onde se mostra a hóstia consagrada.
Estola	Veste em forma de duas tiras ao redor do pescoço. Cor litúrgica.
Evangelário	Livro que contém os textos dos Evangelhos que serão proclamados.

Galhetas	Dois recipientes contendo água e vinho para a eucaristia.
Hóstia	Pedacço de pão sem fermento, que será consagrado no Corpo de Cristo.
Incenso	Resina que, nas brasas, dá uma fumaça aromática, sinal de benção.
Lecionário	Livro contendo as leituras bíblicas da celebração. Coloca-se no ambão.
Luneta	Peça circular do ostensório onde se coloca a hóstia consagrada.
Manustérgio	Toalha com que o sacerdote enxuga as mãos na celebração.
Missal	Livro do Altar. Auxilia o presidente com orações, orientações e ritos.
Nave	Lugar do templo destinado ao povo.
Naveta	Pequeno vaso onde se transporta o incenso.
Luneta	Pequeno vaso onde se transporta o incenso.
Ostensório	Objeto sagrado que se utiliza para expor a hóstia consagrada.
Pala	Cartão quadrado, revestido de pano para cobrir a patena e o cálice.
Partícula	Pequeno pedacço de pão que o padre consagra no altar
Patena	Pequeno prato para conter a hóstia durante a celebração eucarística.
Pontifical	Livro que contém ritos e fórmulas das celebrações reservadas ao bispo, como a confirmação, as ordenações etc.
Presbitério	Espaço ao redor do altar onde se realizam os ritos sagrados.
Ritual	Livro com orientações, orações e ritos para celebrar os sacramentos.

Sacrário (Tabernáculo)	Pequena urna onde se guarda o Santíssimo Sacramento.
Saguinho (purificador)	Tecido retangular para secar o cálice depois da eucaristia.
Teca	Pequeno estojo onde se leva a eucaristia.
Túnica (alva)	Veste cumprida que o padre coloca para presidir a eucaristia.
Turíbulo	Vaso utilizado para as incensações.

## 9. CONCLUSÃO

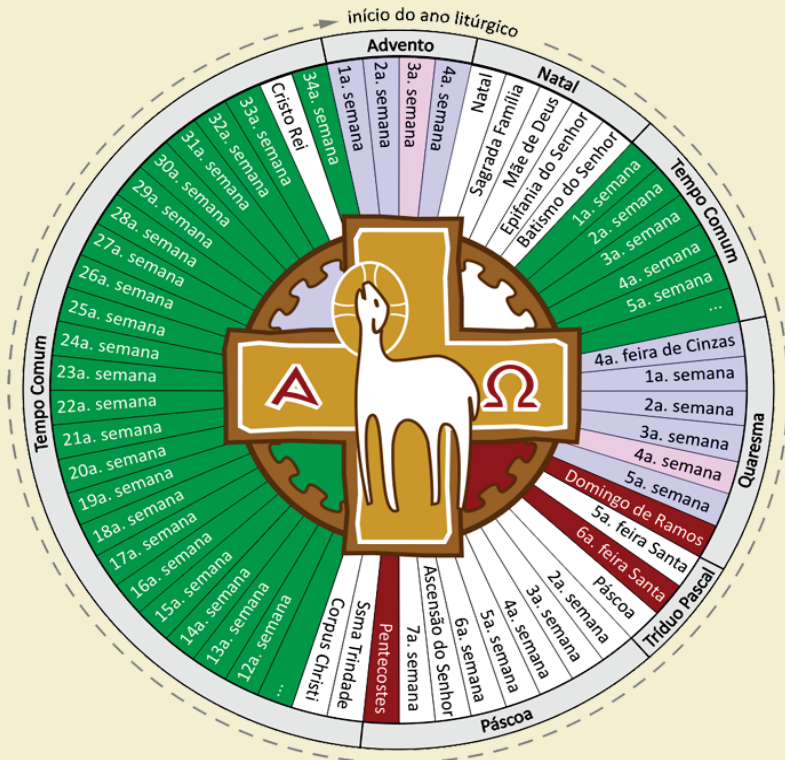
O objetivo dessa proposta é MOTIVAR os agentes de pastoral e animadores litúrgicos para envolver os membros da comunidade cristã na participação da celebração litúrgica. Se a Eucaristia é a fonte e o ápice da vida cristã, de toda ação evangelizadora, faz-se necessária uma liturgia que ajude os cristãos a mergulharem espiritualmente na riqueza e na profundidade da mensagem cristã, possibilitando uma experiência amorosa de relacionamento com o Deus de Jesus em cada celebração e na vida mesma.

É por isso que a proposta que se apresenta prioriza a participação afetiva e efetiva na liturgia, acima do rigor do rito, para não cair no ritualismo. Os fiéis cristãos querem participar e usufruir dos bens litúrgicos e os responsáveis necessitam da pedagogia nos mistérios da fé que se celebram, para iniciar e formar os fiéis processualmente nessa imersão espiritual.

Quando se pretende um perfeccionismo exagerado, corre-se o risco de queimar o processo. É importante e necessário saber fazer bem, com cuidado, delicadeza e beleza, caprichando nos detalhes e buscando a harmonia, a partir de uma pedagogia litúrgica, aplicada com amor, paciência, em progressão e de forma participada, conscientes de que as pessoas aprendem a caminhar errando e caindo até conseguir o equilíbrio. Pretende-se superar a fase do desconhecimento litúrgico, na qual as pessoas perguntam se pode ou não pode fazer isto ou aquilo, para entrar em uma outra fase, na qual as pessoas se perguntem sobre o que é mais conveniente para que o povo possa encontrar a Jesus Cristo de forma mais viva, alegre, clara e afetiva na liturgia. A pergunta é como preparar uma celebração orante, mistagógica, alegre e participativa, que conduza os fiéis a se encontrarem com o Senhor Jesus na celebração e na estrada da vida.

Acima de tudo, temos confiança na bondade e na misericórdia de Deus, que olha o nosso coração e sabe da nossa intenção. Sendo Ele quem nos convoca a celebrar a Páscoa de Cristo, Ele mesmo completará o que falta em nós e aperfeiçoará o fruto da nossa limitação. A Ele a glória e o louvor para sempre. Amém!





ESCOLÁPIOS - BRASIL